

APRESENTAÇÃO DO AUTO DAS REGATEIRAS DE
ANTONIO RIBEIRO CHIADO

Dissertação de Mestrado
apresentada à Disciplina
de Literatura Portuguesa
da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São
Paulo sob a orientação da
Profa. Dra. Maria Helena
Ribeiro da Cunha.

- 1 9 7 9 -

Agradecemos à Professora Doutora
Maria Helena Ribeiro da Cunha as sugestões e
orientação que nos deu durante a realização
deste trabalho.

Í N D I C E

1. Introdução..... p. 3
2. Chiado, o poeta p. 9
3. O Texto p. 24
4. A Sociedade Portuguesa no Auto das Regateiras ... p. 30
5. Considerações Finais p. 87
6. Bibliografia p. 92

Introdução

Ao nos propormos o estudo do Auto das Regateiras, de Antonio Ribeiro Chiado, produção literária dramática de Quinhentos e projeção do teatro vicentino, encontramos dois trabalhos já publicados de que nos socorreremos: o primeiro, da autoria de Alberto Pimentel - prefácio à edição de seus Autos (Prática de Oito Figuras, Auto das Regateiras e Prática dos Compadres), bastante amplo e fundamental, publicado em 1889, sob o título Obras do Poeta Chiado; o segundo, uma edição crítica de dois Autos (o das Regateiras e o da Natural Invenção), profusamente anotada e prefaciada pelos professores Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz, publicada em 1968, intitulada Autos de Antonio Ribeiro Chiado. Esta edição colocou-nos à disposição reproduções integrais em fac-símile das edições "princeps" das duas peças, além de oferecer informações biográficas e fixar as principais características de cada Auto.

Nosso trabalho, portanto, não é mais do que uma contribuição ao estudo do Auto das Regateiras. E o seu objetivo não tem outro alcance senão oferecer uma apresentação da peça ao público de hoje com um estudo da sociedade portuguesa através do Auto. Evocaremos o meio social, o universo mental que modelam a criação poética do Autor. Tentaremos formar um quadro das dimensões mais significativas da realidade social popular portuguesa, enfocada por Chiado, e demonstrar que, embora haja diferenças entre o século XVI e os anteriores, muitos traços marcantes, modos característicos da Idade Média persistiram. Gostaríamos de entrar no mérito do

Auto ribeirinho, ou colocando uma proposição possível de uma discussão crítica, ou avaliando a obra como um espécime do teatro popular que está na linha da dramaturgia iniciada por Gil Vicente. Tal pretensão não foi viável, uma vez que a peça de Chiado não tem profundidade dramática. Constitui-se apenas num documento de tipos e costumes da vida suburbana de Lisboa na segunda metade do século XVI.

Se o gosto do teatro se desenvolveu ao longo do século XVI, conforme vários indícios comprovam (os folhetins "de cordel" que corriam impressos por Gil Vicente, as folhas volantes de diversos autores pós-vicentinos, as publicações de volumes compilados, a construção de dois edifícios próprios a partir de 1591, além de representações já realizadas em pátios e casas particulares), este Auto deve ter prendido a atenção do povo inculto, muito mais que as produções eruditas greco-latinas então em voga. Essa massa de gente entendia tal teatro, estava diante de seu mundo, de seu ambiente. Os tipos tradicionais, os adágios, os apodos, a riqueza de expressões populares eram-lhe familiares.

Não é pequena, portanto, a importância do Auto, do ponto de vista filológico. Por essa razão, fizemos algumas incursões nessa área: a obra é uma amostra viva da língua popular do tempo. Há vocábulos que ainda conservam a forma em evolução e indecisões na grafia. É um repositório de adágios e expressões típicas, por vezes obscenas, daquela gente simples do bairro alfamista.

Mas não é só a linguagem que se faz importante em seus versos. O texto, fora das normas clássicas da representação cênica, rica de espontaneidade e de rude independência crítica,

constitui a livre expansão da alma popular e verdadeiro manançial de observações dos costumes e do "modus vivendi" de seu tempo.

Quanto à forma, não demonstra qualquer evolução desde o teatro vicentino, embora se trate também de um teatro popular. Apesar de escrito na segunda metade do século XVI, não passaram por ele as auras do Renascimento.

Se a peça perde em mérito literário, em compensação possui valor como documento da vida popular quinhentista. Uma leitura atenta do Auto permite-nos entrar nas particularidades da vida popular portuguesa, desse tempo, com o auxílio de um colorido e de uma movimentação peculiares. Chiado integrou-se profundamente na vida da Alfama, pois a vivência desse meio e o seu agudo poder de observação denunciam, no Autor, a testemunha ocular do mundo recriado.

Conforme chegou até nós, Antonio Ribeiro Chiado deixou de ser padre e passou a viver prazerosamente entre regateiras. Era esse o ambiente em que nascera, segundo o poeta Afonso Álvares, seu inimigo: "Nasceste de regateira / e teu pae lançava solas:/d'onde aprendeste parolas/e os anexins da ribeira,/ de que cá tinhas escólas."⁽¹⁾

A cada passo, portanto, da leitura, ressalta uma nota íntima e material da vida portuguesa quinhentista.

Durante nosso trabalho, vez ou outra, lembramos passagens de outras peças, sobretudo vicentinas, das quais eventual

(1) - Alberto Pimentel.- Obras do Poeta Chiado, colligidas anno tadas e prefaciadas por... Lisboa, Empreza Litterária de Lisboa, 1889, p. 182.

mente, parecem eco; a enunciação dos adágios, por exemplo, foi característica da escola vicentina e de toda poesia popular quinhentista e seiscentista. O nosso Autor fez largo uso dessa faceta da filosofia popular, e, por isso, detemo-nos em alguns desses adágios mais curiosos e importantes para detectar o típico da peça em questão. Por essa razão, são objeto de nossa atenção, também, algumas expressões populares que comunicam a maneira de sentir e de ser da gente simples da Alfama. Nesse campo, não podíamos esquecer o uso dos apodos, expressões injuriosas e imprecações colocadas na boca de personagens de baixa condição. Antonio Ribeiro tirou-as da linguagem do povo, com a qual tivera íntimo contacto. Apodar devia ser próprio do português, e, para confirmá-lo basta lembrar que o poeta em estudo e outros usaram e abusaram de apodos em suas polêmicas em verso.

Em primeiro lugar, apresentamos dados biográficos do Autor, quando nos valemos de algumas suposições, em virtude da carência de informações. No capítulo relativo ao estabelecimento do texto, procuramos fixar a data de publicação, com base nas poucas citações históricas e tendo em vista a anterioridade e a posterioridade dos dois textos conhecidos.

Por outro lado, os primeiros dados textuais que se impuseram a nossa observação quanto à sociedade que se movimentava no Auto, foram aqueles relativos aos usos, costumes, tradições e superstições do homem do século XVI, desde o gosto pela indumentária e pelos adornos, o relacionamento entre os pais e filhos, a realização das bodas, até os hábitos de alimentação, as lições acerca da arte de amassar, a desconfiança

com a medicina e o papel ativo da mulher no ambiente familiar; por outras palavras, figurantes e circunstâncias de uma época em decadência política e social.

Em síntese, e para finalizar, procuramos realizar uma análise e um estudo do Auto das Regateiras, tanto quanto possível abrangente e minucioso de todos os seus elementos mais significativos.

CHIADO, o poeta.

Empenhados em estudar o poeta dramático Antonio Ribeiro, que viveu no século XVI, conhecido pela alcunha de poeta Chiado, verificamos que as citações ao poeta, em obra, feitas por Jorge Ferreira e Camões, foram lembradas pelos críticos que a ele se dedicaram. O primeiro, na Aulegrafia (ato IV, cena 2ª) embora com elogios à veia sarcástica de Chiado, através da personagem D. Ricardo, faz restrições, contudo, à sua humilde condição, nas falas da personagem Germinio, que protesta porque "nomeão escudeiro" um homem de baixa origem.⁽¹⁾ Camões, no prólogo cênico do Auto de El-Rei Seleuco, através da personagem modormo, reconhece que Chiado sabe fazer "bem" suas trovas.⁽²⁾ Acreditamos que as menções de seus contemporâneos contribuíram para sua notoriedade.

Outras referências feitas ao poeta chegaram até nós, transcritas por vários autores. Notamos que, ainda no século XVI, notícias mais seguras acerca de Antonio Ribeiro nos oferecem o manuscrito da Biblioteca de Évora (c - 11/1-37), que contém as trovas polémicas travadas pelo poeta em estudo, e o mulato Afonso Álvares, criado do Bispo de Évora e autor de peças teatrais. Esses versos foram transcritos pelo estudioso e crítico Alberto Pimentel, e publicados no ano de 1889, juntamente com outras obras do poeta "bargante" e "dizidor"⁽³⁾ em Obras do Poeta Chiado, onde figuram a partir da página 174.

Tomamos, também, conhecimento de referências elogiosas ao poeta, no século XVII, proferidas por Fernão Rodrigues Lobo Soropita e pelo padre Francisco da Fonseca.

(1) Lisboa, Pedro Gaesbeeck, 1619. p.126.

(2) Obras de Luiz de Camões, por Visconde de Jurumenha, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865. v.4, p. 200.

(3) Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. O poeta Chiado. O Panorama. Lisboa, 4 (190): 406, dez. 1840.

No ano de 1741, Diogo Barbosa Machado, na sua obra fundamental, mas incompleta - Biblioteca Lusitana - dá notícias, poucas e vagas, da biografia e obra de Antonio Ribeiro Chiado. Tais informações, contudo, serviram de base para os demais críticos.

Pertence, no entanto, ao século seguinte (XIX), o maior número de informações a respeito do poeta, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara publica no O Panorama um artigo sobre o poeta, em 1840. Nele, o Crítico contesta uma afirmação de Diogo Barbosa Machado, relacionada com a biografia do Autor; complementa, por sua vez, os dados biográficos que deste recebera. (1) Tanto este crítico como aquele não incluem na biografia de Chiado o Auto das Regateiras. Por certo, não o conheciam.

Em 1848, versos de Antonio Ribeiro Chiado foram usados por Alexandre Herculano como epígrafes de dois capítulos d'O Monge de Cister: cap. V, do tomo I e cap. XXIII do tomo II. (2)

Pimentel verificou que os versos citados por Alexandre Herculano não se encontravam entre os Letreiros reeditados por Bento José de Sousa Farinha, em 1783, e copiados por ele para a publicação de Obras do Poeta Chiado; não encontrou também, nas cartas que conhecia de Chiado, os versos que serviram de epígrafe ao capítulo XXIII, do segundo tomo d'O Monge de Cister. Concluiu que Herculano conheceu algumas obras impressas ou manuscritas de Chiado e lamentou a ignorância da procedência das mes-

(1) - "O motivo de despir o habito franciscano foi, segundo escreve o A. da Bibl. Lusit., o não ter professado validamente: mas pelo que de suas próprias obras se collige, é mais certo que fosse pelos desmanchos da sua vida, menos observante dos rigores da disciplina da regra serafica." (p. 406)

(2) - Lisboa, Imprensa Nacional, p. 89 e 196.

mas por falta de melhores informações.⁽¹⁾ Teófilo Braga já acha que o escritor viu a edição dos Letreiros de 1602, e dela tirou a estrofe.⁽²⁾ Quanto aos versos do capítulo XXIII, o Crítico supõe que Herculano os tenha encontrado em alguma das "Quinze Cartas Joco-sérias, com várias Prophecias para o anno de 1591. In - 4ª Ms".⁽³⁾

Inocência Francisco da Silva, em 1858, brinda a literatura portuguesa com o Dicionário bibliográfico português, em que salva do esquecimento muito nome ilustre; dedica a Chiado duas páginas (246-47) do primeiro tomo. Verificamos que, nesta mesma obra, há notícias dele no tomo 8, p. 294 e no tomo 22, p. 348. O Crítico, todavia, se limita a reproduzir o que era conhecido até seu tempo.

É Alberto Pimentel, entretanto, que publica, em 1889, o estudo mais completo sobre o poeta - Obras do Poeta Chiado, coligidas, anotadas e prefaciadas por ele - a que já nos referimos. Complementou-o com novas investigações sobre a sua vida e escritos, em 1901.

Teófilo Braga, em 1898, no livro Escola de Gil Vicente e desenvolvimento do teatro nacional, ocupa-se dele e nos dá valiosas informações.

No século XX, é publicada, em Lisboa, sob a direção de Albino Forjaz de Sampaio, a História da literatura portuguesa ilustrada, onde Gustavo de Matos Sequeira, no volume II faz um estudo crítico sobre o teatro quinhentista pós-vicentino, sob o título: Os continuadores de Gil Vicente. O capítulo dedicado a

(1) - Cf. Obras do poeta Chiado, p. LXIX.

(2) - Escola de Gil Vicente e desenvolvimento do teatro nacional, Porto, Chardron, 1898, p. 127.

(3) - Ibid., p. 129

Chiado é de grande interesse pelo abundante conteúdo, sobretudo, por ressaltar o valor etnográfico da obra.

Em 1968, Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz publicam uma edição crítica com notas bastante elucidativas, de dois Autos de Chiado: o da Natural Invenção e o das Regateiras. As edições "princeps", em fac-símile, acompanham a obra.

Alberto Pimentel, no prefácio à obra, fala-nos da deficiência dos registros paroquiais e por este motivo da impossibilidade de descobrir referências mais elucidativas a respeito do dramaturgo. Muito se empenhou, em Évora, por melhores informações junto ao arcebispo de Perga, porém nada conseguiu. Os livros do registro paroquial, anteriores a 1859, estavam então arquivados no Seminário e o referente ao século XVI trazia escassa indicação biográfica. (1)

Diogo Barbosa Machado refere que Chiado nasceu em um lugar humilde do arrabalde de Évora e morreu em Lisboa no ano de 1591. (2) Quanto ao ano de sua morte, Inocêncio (3) e Cunha Rivara (4) repetem a tradição transmitida por Barbosa. A vida do dramaturgo, em grande parte, permanece em circunstâncias obscuras. Assim como ignoramos a data do seu nascimento, também desconhecemos o nome dos pais. Rivara faz referência a eles; afirma que eram humildes. (5)

Os dados a respeito da biografia do dramaturgo, portanto, tratam, quase, tão somente de hipóteses formuladas a partir das alusões colhidas em sua obra.

(1) - Obras do poeta Chiado, p. X.

(2) - Biblioteca lusitana, Lisboa, 1741. v. 1, t. I, p. 373.

(3) - Dic. bibl., t. I, p. 246.

(4) - O poeta Chiado, O Panorama, p. 406.

(5) - Id., ibid., loc. cit.

Segundo Teófilo Braga, Antonio Ribeiro Chiado, dotado de muita vivacidade, foi admitido ainda criança no convento de São Francisco de Évora. Serviu aí como donato e cursou as aulas de humanidades até a teologia.⁽¹⁾ Sabe-se que, em Portugal, até meados do século XV, o estudo de teologia era feito nas escolas conventuais, sobretudo dos dominicanos e franciscanos, pois tal disciplina não figurava nos currículos da Universidade.⁽²⁾ O estudante universitário não tinha tempo para trabalhar, enquanto estudava. Vivia de rendimentos. Para o dramaturgo, que era pobre, mas talentoso, (não obstante vivesse no século XVI), muito mais fácil seria adquirir conhecimentos numa escola conventual. Logo que terminou os estudos de teologia, professou no mesmo convento onde lhe davam franco acesso.

Teve um irmão também fazedor de auto, Jerônimo Ribeiro, cuja obra - Auto do Físico - segundo Pimentel, é encontrada na Biblioteca Nacional de Lisboa, incorporada na primeira edição dos autos de Antonio Prestes, exemplar publicado no ano de 1587.⁽³⁾ Gustavo de Matos Sequeira nos informa que este auto "foi reeditado por Esteves Pereira na Coleção da Academia das Ciências de Lisboa, Monumentos da Litteratura Dramatica Portuguesa, em 1918."⁽⁴⁾

Da violenta polémica literária mencionada acima⁽⁵⁾ numadas trovas de Afonso Álvares, depreendemos que Chiado teria morrido velho:

(1) - Eschola de Gil Vicente, p.89.

(2) - Oliveira Marques- A sociedade medieval portuguesa, Lisboa, Sá da Costa, 1971, p. 178.

(3) - Obras do poeta Chiado, p. X.

(4) - Albino Forjaz de Sampaio - História da literatura portuguesa ilustrada, publicada sob a direção de ... Paris - Lisboa, Aillaud e Bertrand (1930) v.2, p. 97.

(5) - As citações das trovas tanto de Afonso Álvares como do poeta Chiado serão extraídas de Obras do Poeta Chiado a partir da p. 170.

"Mas tu que, velhaco velho,
por bolires c'o trebelho..."(1)

Chegou a vez de falarmos de seu antagonista Afonso Álvares. Conforme Teófilo Braga, tendo este alcançado estima do Bispo de Évora, D. Afonso de Portugal, encontrava-se em situação privilegiada para beneficiar Chiado, que residia nos subúrbios de Évora e era mais novo.(2) Informa-nos, ainda, que após a morte do Bispo, vai para Lisboa exercer a profissão de mestre de meninos.(3)

Inferimos de seus versos que os dois poetas muito se conheciam. Parece-nos, mesmo, que viveram estreitamente ligados por afeição de irmãos, quando ainda eram moços e se encontravam em Évora.(4) Tornam-se, porém, adversários e através da desmedida polêmica em quintilhas e sextilhas, atingem-se com injúrias, magoam-se, viram inimigos. O rompimento entre ambos, poetas satíricos e improvisadores, começou quando Chiado, da cadeia, dirigiu ao seu prelado uma carta, em verso, a pedir perdão e clemência. Deste documento, Afonso Álvares se apoderou e respondeu com escárnio ao poeta preso.(5) Parodiou a Petição e acusou-o de muitas imperfeições e vícios. O primeiro verso é o mesmo com que Chiado inicia as suas trovas: "Ne recorderis peccata".(6)

Conforme já fora observado pela maioria dos críticos do poeta, vimos que Afonso Álvares faz referências aos pais, à origem do poeta frade. A mãe era regateira e o pai sapateiro.(7) Revela-nos, assim, a pobreza da ascendência de Antonio Ribeiro.(8)

-
- (1) - Pimentel, op.cit., p. 180.
 (2) - Eschola de Gil Vicente, p. 89.
 (3) - Id., ibid., p. 57.
 (4) - Cf. Pimentel, op. cit., p. 198.
 (5) - Cf. Id., ibid., p. 174.
 (6) - Cf. Id., ibid., p. 171.
 (7) - Cf. Id., ibid., p. 182.
 (8) - Cf. Id., ibid., p. 195 e 198.

Zomba dele e acusa-o de querer dissimular sua baixa origem com o hábito monástico. (1)

Chiado, que parece aceitar a hereditariedade atribuída, também se refere, em suas respostas, à origem do azedo inimigo, filho de padeira, e agride-o, frequentemente, pela circunstância de ser mulato. (2)

Essa chistosa polêmica revela-nos que ambos tinham a veia mordaz bastante tençoeira. Chiado lembra ao filho da forneira que além de ter a qualidade de mulato, parece não saber quem era o pai. (3) Identifica a mordacidade de Afonso Álvares com a sua negridão. (4)

Deduzimos, portanto, da acesa polêmica, a irritabilidade do mau gênio de Chiado, a violência de sua desforra. Surpreende mo-lo, porém, com o reconhecimento de sua qualidade de praguento ao fazer auto-análise:

"Eu sou natural praguento,
por uma trova dou cento;
e pois isto confessaes,
Affons'Alves, não queiraes
que vos diga quanto sento. (5)

Até aqui, portanto, alguma coisa acerca da origem do poeta. Vejamos, agora, o que chegou até nós a respeito de sua vida monástica.

Nô manuscrito da Biblioteca de Évora: "Querela entre Chiado e Affonso Álvares", (6) copiado por Pimentel e incluído em Obras

(1) - Cf. Id., ibid., p. 196.

(2) - Cf. Id., ibid., p. 184 e 190 - 91.

(3) - Cf. Id., ibid., p. 192.

(4) - Cf. Id., ibid., p. 202.

(5) - Id., ibid., p. 179.

(6) - Id., ibid., p. 171.

do Poeta Chiado, a rubrica que precede as invectivas de ambos é a antiga notícia, então mencionada por Rivara: "O Chiado foi fra de S. Francisco em Lisboa: era bargante, dizidor, poeta, etc.; e para usar de sua condição, fugiu do mosteiro, e andando fora alguns dias (aliás annos, como se vê da replica de Affonso Álvarores) foi preso e penitenciado pelo guardião, em o aljube d'onde compoz os versos seguintes, e os mandou ao seu guardião:"(1)

Notamos que a observação feita entre parênteses na rubrica copiada por Pimentel, não é encontrada na que Teófilo Braga transcreve.(2) Observamos, também, que, como o primeiro crítico,(3) o segundo tivera como fonte o códice encontrado na(4) Biblioteca de Évora (c-11; l-37). Suas suposições, por conseguinte, quanto ao número de fugas e de prisões, divergem. Teófilo Braga acredita que Chiado sofrera duas prisões. A primeira teria acontecido depois da ausência de "alguns dias" do convento, conforme se lê na antiga notícia que servira de rubrica à Petição. Teria fugido para "usar de sua condição, isto é, o seu talento de imitação de vozes e typos, e o fazer trebelhos!"(5) A segunda prisão teria sido posterior a uma nova fuga. O poeta iria para Lisboa e se faria conhecido pela vida libertina e talento de "dizidor". Depois de muito tempo, "vinte annos a oito", (6) conforme verso de Afonso Álvares, por ordem do Geral dos Franciscanos, seria então preso por beleguim. Conheceria neste período - 1546 a 1554 - Camões e Jorge Ferreira. O crítico cita os versos de Affonso Álvares que justificam sua

(1)-Id., ibid., loc. cit.

(2)-Eschola de Gil Vicente, p. 93.

(3)-Pimentel, Obras do poeta Chiado, p. 202.

(4)-Teófilo Braga, loc. cit.

(5)-Id., ibid., p. 92.

(6)-Pimentel, op.cit., p.174.

suposição. (1)

Pimentel que apresenta na rubrica o parêntese: "(Aliás annos, como se vê da réplica de Affonso Álvares)", não concorda com o "alguns dias" da antiga notícia citada por Cunha Rivara. Declara, por conseguinte, que o antagonista do poeta, Afonso Álvares, em sua invectiva se refere a "vinte annos e oito" e não a "alguns dias". Considera então que o frade aborrecido da vida monástica, teria fugido do mosteiro, ter-se-ia dirigido para a Espanha, conforme se observa em seus letreiros, (2) e viveria em companhia de estudantes e foliões independentemente da anulação dos votos. Atribui, portanto, ao poeta frade uma só fuga.

Vimos, neste caso, que o parêntese, que diferencia as rubricas citadas, justifica a discordância de opinião dos dois críticos.

Diogo Barbosa Machado informa-nos, ainda, que Chiado largou o Instituto Seráfico por não o ter professado validamente. (3) Cunha Rivara, no entanto, em seu artigo, O Poeta Chiado, refuta esta informação e atribui a intolerância de Chiado aos rigores da disciplina o motivo do abandono da vida monástica. (4)

Poderíamos, assim, concluir que o filho da regateira dos subúrbios de Évora, em virtude de seu gênio irrequieto, não se conformava com a monotonia e a disciplina do claustro. Aborrecido, teria fugido da vida repousada para bargantear e foliar. Diogo Barbosa Machado refere-se, também, à sua propensão para improvi-

(1) - Cf. Teófilo Braga, loc. cit.

(2) - Cf. Pimentel, op. cit., p. 217.

(3) - Biblioteca lusitana, p. 373.

(4) - O Panorama, p. 406.

sar e compor em estilo jocoso e burlesco assim como à sua capacidade de fingir vozes e gestos. Por estas qualidades do poeta frade, declara, ainda, que ele era benquisto e aceito em Lisboa. (1) O seu conterrâneo, Afonso Álvares, parece-nos também falar, em seus versos, de sua capacidade de imitar vozes e fazer gestos:

"Que não ficava serão
 onde vós, frei mexilhão,
 não fosses metter o sacco
 com vossas graças de vão,
fallando velha e villão, (2)
 feito vasilha de Baccho." (3)

Em face do que chegou até nós, a respeito do poeta e baseados, sobretudo, nas trovas de seu rival, somos levados à hipótese de que Chiado, imitador e ventríloquo, com seu talento de falar "velha e vilão" e a usar "a sua condição", isto é, a sua maneira de ser, teria sido autor e representador. Imaginamos, outrossim, que fora da ordem, "vinte annos a oito" a viver "por ruim geito", "porque a vida soberana" trocara "pela mundana", (4) teria andado por Lisboa como também por terras da Espanha. É isso o que nos diz Afonso Álvares. Pela sua vida desregrada, portanto, fora do convento, é procurado e preso. Este acontecimento desagradável ocorreu, pois, na velhice, do poeta, após ter andado muitos anos e não alguns dias - e depois de se tornar conhecido como "sacerdote perdido". (5) A Petição ao comissário, que

(1) - Biblioteca lusitana, p. 373.

(2) - O sublinhado é nosso.

(3) - Pimentel, op. cit., p. 176.

(4) - Id., ibid., p. 174.

(5) - Id., ibid., p. 175.

escreve do aljube, composta de sessenta e quatro redondilhas maiores documenta a clarividência de sua prisão.⁽¹⁾

Ficamos sabendo que Fr. Antonio do Espírito Santo é o nome conventual adotado por Chiado ao entrar na ordem de São Francisco. O seu antigo companheiro, no entanto, considera - o inadequado e chama-lhe "demonio simulado".

Chamas-te de Espírito Santo,
tão fóra de nunca o ter!
Porque quem tal nome quer
hade ser santo: portanto,
a ti não póde caber.

E que és demonio simulado,
que andas n'essa carne má..."⁽²⁾

Seu inimigo não se esquece de aludir à causa por que ele deixa o convento.⁽³⁾

Para o seu rival, ele é mau frade, comilão, beberrão, hipócrita, luxurioso, vicioso e ainda sodomita.⁽⁴⁾ Acusa-o, também, de viver a custa de rameiras e regateiras:

"Que te acham em S. Gião
em casas de regateiras
e de p... taverneiras,
onde tu és mexilhão!"

Lembra Alberto Pimentel, a propósito da rua "São Gião", que Gil Vicente também no Pranto de Maria Parda se refere a ela -

(1) - Cf. Id., ibid., p. 171-73.

(2) - Id., ibid., p. 181.

(3) - Cf. Id., ibid., p. 196.

(4) - Cf. Id., ibid., p. 180-82 e 200.

- rua de São Júlião. Possuía esta trinta tabernas e era muito frequentada pelos rascões do tempo. A personagem vicentina, Maria Parda, beberrona e tagarela, lamenta a falta de vinho na época: "Quem levou teus trinta ramos".⁽¹⁾

Muitos nos parecem ser os defeitos do Frei Antonio do Espírito Santo; fora do convento, contudo, mantém boas relações com frades da Ordem e conserva um verdadeiro amor a Deus, embora dê aparentemente outra impressão. Na carta "a um seu amigo que se metteu religioso", dá conselhos para que o frade amigo se livre das tentações; declara-se com inveja por não se encontrar também no convento. Percebemos pelo final da carta que, na Ordem, não o apreciavam: "sempre tereis uma collação de cartas minhas, que não é pouco, as quaes vos não damnarão tanto, como cuidam frades."

Se no convento não o estimavam, certamente, depois de ter sido preso, ou o poeta ou a Santa Sé, providenciaria a anulação do voto monástico. Alberto Pimentel afirma ter tentado em Roma, obter cópia de qualquer ato da Santa Sé relativo a Chiado, mas nada conseguiu. Teve ainda a intenção de descobrir, alguma coisa no arquivo da província, porém, foi tudo em vão. Descobriu que todo o arquivo da secretaria se perdera, quando, em 1741, o seminário pratriarcal, situado dentro do convento de São Francisco, pegou fogo.

Falta-nos falar da alcunha do poeta. Com o decorrer dos séculos, entretanto, poderíamos dizer que do poeta Antonio Ribeiro, muito ficou de seu apelido, ligado a um topônimo urbano ,

(1) - Gil Vicente - Obras completas. Coordenação do texto, introdução, notas glossário do Dr. Álvaro Júlio Da Costa Pimpão. Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1956, p. 512.

cheio de tradições literárias. A discussão sobre a procedência do nome como topônimo ou como apelido foi o que Pimentel mais pesquisou no prefácio à sua Obras do Poeta Chiado. O crítico verificou que Diogo Barbosa Machado, Cunha Rivara e Inocêncio Francisco da Silva foram unânimes na afirmação de que a rua dera o nome ao poeta. Não concorda, no entanto, com eles e supõe que o poeta é que dera o nome à rua. Julga plenamente aceitável, a hipótese de que, em razão da sua vida escandalosa, fosse dada ao poeta a alcunha que lembrava a sua notoriedade como dizedor e bargante. Declara que era moda, no século XVI, por alcunha. Menciona os apelidos que a Camões deram de trinca-fortes e diabo. O crítico depois de ter comprovado sua suposição, conta-nos, ainda, que a rua do Chiado passa a ser chamada, oficialmente, a partir de 1882, rua Garret. (1)

Não pretendemos, aqui, retomar, com minúcia, esta velha questão, pois a consideramos de somenos importância.

(1) - Todas estas informações biográficas foram respigadas da obra de Alberto Pimentel, Obras do poeta Chiado.

A Obra.

De Chiado, conhecemos, ao todo, quatro peças: Prática de Dito Figuras, Auto das Regateiras, Prática dos Compadres e o Auto da Natural Invenção. A última teve uma nova edição, em 1917, pelo Conde de Sabugosa que a descobriu em uma folha-volante na biblioteca de sua casa. As três primeiras encontram-se na Biblioteca Nacional de Lisboa, em exemplares do século XVI. Um outro exemplar de uma edição também do século XVI, do Auto das Regateiras, foi encontrado por Ramón Menéndez Pidal na Biblioteca Nacional de Madrid. Completam o patrimônio literário do poeta textos não dramáticos - obras menores - que se acham em miscelâneas das Bibliotecas de Évora, Lisboa e Porto, e que Alberto Pimentel publicou em grande parte, incluídas à sua edição dos autos: Avisos para guardar, Parvoíces, Querela entre Chiado e Affonso Álvares, Regra espiritual, Letreiros muito sentenciosos, os quais se acharam em certas sepulturas da Espanha, Profecias e ainda algumas epístolas. Temos notícia de um perdido Auto de Gonçalo Chambão e de uma Philomena dos Louvores dos Santos com outros cantos devotos, editada em 1585, e que teve o mesmo destino.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos fala da voragem do tempo como também da ação despiedosa da Inquisição que destruiu extraordinária riqueza do repertório dramático quinhentista; questiona: "seria também por deteriorização natural que se sumiu o auto de Gonzalo Chambão? Ou seria essa peça uma das que sucumbiram à acção secreta dos inquisidores, por recair no grupo visado na Regra geral?" (1)

(1) - Autos port. de Gil Vicente y de la escuela vicentina, edición facsímil, con una introd. de ... Madrid, 1922, p. 105.

0 Texto

Duas edições diferentes do Auto das Regateiras chegaram até nós. Uma é a que se acha na Biblioteca Nacional de Lisboa; a outra, na Biblioteca Nacional de Madrid.

A primeira delas, de caligrafia semigótica, encontra-se juntamente com mais duas peças - Prática dos Compadres e Prática de Dito Figuras - na Miscelânea nº 218 dos Reservados. Dessas obras dramáticas do poeta Chiado, faz Alberto Pimentel uma edição crítica, juntamente com grande parte das não dramáticas. Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz também utilizaram este texto para a elaboração da edição crítica do Auto das Regateiras.

A edição do Auto, da Biblioteca Nacional de Lisboa, a que utilizaremos, é do século XVI e a única que se conhecia até início do século XX. No exemplar, não consta indicação de lugar, data, nem nome do impressor, mas, na parte inferior da portada, lê-se a palavra Germagalha que parece designar o nome de Germão Galhardo, conhecido impressor do século XVI. Teria Germão Galhardo realmente editado este Auto cujo frontispício traz a abreviatura Germagalha? D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos esclarece que o tal impressor, protegido do rei a partir de 1530, foi nomeado typographus regius em 1544. Morto, a sua viúva continuou a empresa até 1567, quando passou os caracteres tipográficos às mãos de outro impressor, senhor Antonio Gonçalves. (1)

O frontispício do texto acha-se muito bem descrito na edição crítica de Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz. (2)

A outra edição do Auto das Regateiras é também de caligra-

(1) - Cf. Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina, p. 60.

(2) - Autos de Antonio Ribeiro Chiado. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1968, p. 79.

fia semigótica e permaneceu desconhecida até 1922. O ilustre romanista Ramón Menéndez Pidal, em suas buscas sistemáticas, achou uma folha volante desse Auto entre outras semigóticas, classificadas como raras, na Biblioteca Nacional de Madrid. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos publicou-a com outros autos (dezoito) na obra monumental Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina. Deu o segundo lugar a este Auto dentre as peças profanas. Aconselhou fosse ele publicado, "por ser da casa de German Galharde, seguramente anterior a 1560, mas provavelmente das proximidades de 1545". (1)

Teófilo Braga, no entanto, diz poder fixar-se a data deste Auto em 1569, porque a personagem Comadre, quando em diálogo com a Velha, se refere à pragmática de 14 de abril de 1568, que reduziu o valor da moeda de cobre, estando o rei D. Sebastião em Almeirim:

Comadre: Tudo vae em perdição.

Hoje mal, eras empeora,
como lá diz o rifão.

Velha : Tudo vae fóra da estrada,
bem no vejo e bem no sei.

Comadre: E mais com esta ida d'El Rei
não ha d'haver venda nada.

Velha : Comadre, eu vos direi:
fico-me n'aqueste inferno.

Comadre: Muitas vezes cuido em mim
que se vae a Almeirim

(1) - p. 43.

um Rei meado inverno!

Velha : A fazer rico escoroupim.

Comadre: D'isso só me fica mágoa.

Nunca é contente a pessoa.

Um Rei que estava em Lisboa

assim como o peixe n'agua!

Mas vós verêdes o que sôa.

Velha : Todos nós isso clamamos.

Comadre, manso o dizeis,...

Mas são vontades de Reis;

que quereis que lhe façâmos?

Como dizem: - Lá vão leis...⁽¹⁾

Depois de transcrita a passagem, justifica a sua convicção na data aludida porque esta mesma personagem, em alguns versos adiante, faz referência à peste grande de 1569: "Isto era em Tpo de peste"(v.254).⁽²⁾

Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz consideram, e nós com eles, perfeitamente aceitável o primeiro argumento deste crítico, não acontecendo o mesmo com o segundo. Primeiramente, Comadre fala como se a funesta desvalorização da moeda tivesse sido recente: "cõ esta yda del Rey / não a dauer venda nada" (V. 225 - 226); posteriormente, a alusão é a uma peste que já sucedera, o verbo está no passado: "Isto era em Tpo de peste" (v.254) e a peste grande aconteceria em 1569, portanto, um ano depois.⁽³⁾ Pimentel presume ter havido, aí, alusão "aos primeiros ameaços da peste gran-

(1) - Eschola de Gil Vicente, p. 109.

(2) - Id., ibid., p. 110.

(3) - Autos de Antonio Ribeiro Chiado, p. 80.

de, (1) o que também seria discutível, uma vez que a peste grassou em maio de 1569 - consoante Queiroz Velloso. (2) Sabemos que, durante o século XVI, várias foram as epidemias: em 1506, em 1531, mas em 1569, foi quando realmente, ocorreu a que mataria "mais de um terço de gente de Lisboa: quarenta mil pessoas." (3)

O texto da Biblioteca Nacional de Madrid não tem indicação acerca do lugar e do promotor da impressão, como também o preço marcado. O frontispício desta folha volante descrevem-no, muito bem, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (4) e os professores Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz. (5)

Qual das duas edições do Auto das Regateiras teria sido e ditada primeiramente?

Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz fizeram um confronto dos dois textos e verificaram maior cuidado ortográfico no da Biblioteca Nacional de Madrid; atribuíram-lhe, por isso, posterioridade. Argumento diferente dos mesmos críticos justifica a anterioridade do texto da Biblioteca Nacional de Lisboa, a partir da análise do material tipográfico. Partiram da suposição de que os três Autos que se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa imprimiram-se na mesma época; basearam-se, para tal afirmação, na indicação que aparece no frontispício da Prática dos Compadres: Auto terceiro. Per Antonio Ribeiro Chiado, isto é, impresso em terceiro lugar. Explicam que, neste mesmo frontispício, há, dentre as gravuras, um escudeiro com pé perfeito, e no Auto das Regateiras, da Biblioteca Nacional de Madrid, esta mesma gravura a-

(1) - Obras do poeta Chiado, p. 58, nota.

(2) - V. História de Portugal. Ed. Monumental. V, p.63.

(3) - Oliveira Martins - História de Portugal. 16.ed Lisboa, Guimarães Editores, 1972, p. 341.

(4) - Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina, p. 33.

(5) - Op. cit., p. 79-80

presenta o pé quebrado. Esclarecem, ainda, que na maioria das obras em que esse escudeiro aparece, está ele mutilado, incompleto e, algumas vezes, o Auto vem datado. Citam exemplos de autos datados, cuja gravura do escudeiro aparece mutilada: o Auto de D. Luís e dos Turcos, impresso em 1572, e a Obra Llamada los trabajos que passa la triste Bolsa, em 1639. Acham lógico que, no início, a gravura se apresentasse perfeita e, posteriormente, em virtude de um acidente, aparecesse incompleta. Concluem que a edição da Biblioteca Nacional de Lisboa é anterior a 1572, e a da Biblioteca Nacional de Madrid é posterior a essa data, mais moderna, enfim, reprodução melhorada daquela. (1)

Utilizamos, portanto, o texto da Biblioteca Nacional de Lisboa para elaboração de nosso trabalho, por registrar variantes fonéticas mais de acordo com o falar do povo e por partirmos, também, do pressuposto de que é o mais antigo dos dois textos.

(1) - Id., ibid., p. 81.

A Sociedade Portuguesa no
Auto das Regateiras.

Pela possibilidade que o Auto das Regateiras oferece para reconstituição dos costumes dos anos de Quinhentos, pelo retrato moral da época, que se indicia do caráter das personagens, e pela descrição material das regateiras e dos pescadores, procuramos elaborar um estudo da sociedade portuguesa do século XVI. Deve-se ressaltar ter o Autor conservado o ambiente quinhentista em que se passa a ação e, por isso, o lado social deste mundo é que nos interessou.

Assistimos, através da leitura, a cenas domésticas vividas numa casa modesta do século XVI, no bairro popular da Alfama, palco onde se desenrola a ação e se chocam os sentimentos próprios do ambiente.⁽¹⁾ Os alfamistas viviam modestamente e de forma pitoresca, e pelas ruas do bairro, havia gritos que atordoavam os moradores. A Velha, personagem do Auto, impaciente, faz alusão à balbúrdia matinal: "que madrugada da Alfama" (v.36), a confirmar a tradição de sua turbulência: Alfama, localizada entre o bairro do Castelo (Alcáçova) e o da Ribeira, foi um dos bairros mais perigosos da antiga Lisboa da Renascença.⁽²⁾

À movimentação das regateiras e pescadores, juntava-se o rebuliço dos gatos ladrões, que passeavam pelas ruas, à espera de oportunidade para entrarem nas cozinhas das casas e roubarem-lhes a carne:

" e se quiseres escaldar
essa carne da gamela

(1) - Conforme informação de José Leite de Vasconcelos, Alfama significa termas (Etnografia portuguesa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1936. II, p.369).

(2) - Gil Vicente-Obras completas. 3.ed. Lisboa, Sá da Costa (1968) VI, p. 230.

metea em nhũa panela
 se quer faras hũ jantar
 sos gatos nã dam com ela"
 (v.522-526)

diz a velha a Beatriz, enquanto a negra se ausenta.

A vida, portanto, agitava-se nas ruas estreitas e movimentadas da Alfama, como, por exemplo, na popular rua do "forno" (v. 570) onde a negra quebrou o pote de água que carregava à cabeça. Acerca desses becos e travessas, Pimentel, baseado nas informações do Roteiro das ruas de Lisboa, de Eduardo O. Pereira Queiroz Velloso, lembra que, em Lisboa, existem muitas destas ruas com a denominação de Forno.⁽¹⁾ Não seria a rua citada pela Negra a mesma Rua dos Fornos, encontrada no Pranto de Maria Parda do mestre Gil? A beberrona Maria Parda assim a lamenta:

"Ó triste Rua dos Fornos,
 que foi da vossa verdura!
 Agora rua d'amargura
 vos fez a paixam dos tornos"⁽²⁾

Era costume, neste bairro popular, os moradores se conhecerem e se chamarem cada um por seu nome. As duas personagens femininas, Velha e Comadre, encarnam muito bem o tipo de mulheres do povo: jogam insultos e apodos ridículos e insolentes às vizinhas exploradoras, faladeiras e desavergonhadas, que conheciam intimamente. Sabiam-lhe os nomes e o modo de vida de cada uma, em virtude da promiscuidade de vida.

Ambas criticam a exploradora da "charinha", que é uma

(1) - Obras do poeta Chiado, p. 68.

(2) - Pimpão, Obras completas de Gil Vicente, p. 502.

"taça",⁽¹⁾ uma "peça" (v.286). A Comadre fala de uma outra vizinha que é "hũa espada nua" (v.289),⁽²⁾ isto é, uma faladeira. Para a Velha, entretanto, esta que era "espada nua" seria "pão e mel" (v.291), comparada à mulher do pescador, um "liam" e tinha língua "descorpiam" (v.293). Devia ser de grande efeito cômico as maledicentes comadres criticarem a tendência e a disposição das vizinhas de falar da vida alheia, e lhes atribuírem muitos apodos até mesmo com nomes de animais. Mas as comadres maledicentes não se detinham aí. À qualidade de faladeira, a Velha acrescenta ainda, para a mulher do pescador, a de esposa desavergonhada, porque, segundo ela, traía o marido com um "negro escudeirão": "o negro escudeirão/ soualhe no alquidar" (V. 305-306).⁽³⁾

E nessa crítica a tudo e a todos, mãe e filha não foram esquecidas. A Velha e a amiga falam da filha da Rebela que é "outro pote tal como" a mãe (v.308) porque na opinião da Comadre, "já por linha vem a tinha" (v.338), isto é, a lepra moral (tinha) lhe vem (à filha de Rebela) por linhagem, herança.⁽⁴⁾ E o pensamento da comadre sobre a hereditariedade dos maus costumes de toda a família, teve a sua confirmação no mau procedimento da irmã de Rebela:

"a outra sua irmã
inda deos nã daua luz

(1) - Consideramos válida a suposição de Pimentel de que a "taça" seria, aqui, o sinal pela coisa significada, como se as comadres lhe chamassem bêbeda (Op. cit., p.59).

(2) - "hua espada nua" é expressão popular atribuída à vizinha maldizente que está sempre disposta a censurar. A espada sem bainha fere, e a crítica, tal como a espada desembainhada, pode magoar.

(3) - O negro escudeirão visita amiúde a mulher do pescador.

(4) - Cf. Cleonice Berardinelli & Ronaldo Menegaz, Autos de Antonio Ribeiro Chiado, p. 125.

lançou ho outro do capuz"

(v. 931-933)⁽¹⁾

No diálogo, as maledicentes comadres, embora falem demais, denunciam a libertinagem das mulheres de maus costumes, cuja forma de vida fora até mesmo comparada pela Velha a "hũa babilonia" (v.328), e deixam-nos transparecer, principalmente, a decadência moral do período quinhentista. É por essa razão que as Comadres não se esqueceram de falar da boneja que se faz passar por "santeira" (v. 312) ao ir "sesuda" à igreja. Esta crítica, particularmente, revela-nos que a religiosidade não era mais tão profunda como da Idade da Fé. As mulheres iam à igreja somente para aparentar escrúpulo religioso, porque, na realidade, prevalecia a indiferença pelos atos da igreja, proveniente da desordem social, da vida ambiciosa e mercantilista do século XVI.

Mas, não se dirige só à Igreja, a crítica do Chiado: a Velha e a Comadre não deixam de notar que as finanças do País iam mal por culpa do rei D. Sebastião que faz o que lhe apraz. Envolvidas, portanto, no diálogo que vai passando de um assunto a outro, ambas, das aperturas da vida, aproveitaram a deixa e criticaram a baixa da moeda. A moeda, uma das mais importantes formas de riqueza do mercantilismo, começara a reger o mundo, especialmente, no final da Idade Média e este poder demoníaco do dinheiro, uma das causas que minou a firme estrutura do período medieval, transformou, por conseguinte, o espírito da época.

A população portuguesa do século XVI. numerosa e ativa, desorganizada e indisciplinada, não servia de garantia de força

(1) - "lançou o outro do capuz", isto é, expulsou o outro dos cobertores.

e de produção de riqueza do país. Faltou, em Portugal, gente para cultivar a terra, quer por motivo das conquistas de novos mundos, quer pela concentração do homem do campo nas cidades. A população, que pouco produzia, sofria as conseqüências desta reviravolta, principalmente, a classe mais humilde.

Vale ressaltar que, no mundo restrito da Idade Média, quando o homem dava mais atenção às coisas que o cercavam, por viver vida mais pausada, entre horizontes mais limitados, a satisfação das primeiras necessidades - albergue, alimentação e vestiário - saía-lhe mais barata, e os objetos de luxo, mais caros.⁽¹⁾ (O dinheiro do pobre, nos períodos anteriores ao século XVI, tinha, por tal motivo, mais valor). Já, nos meados de Quinhentos, o encarecimento de todas as coisas, sobretudo dos gêneros alimentícios, foi a causa do crescimento da miséria e da fome.

Chiado, nas falas das comadres, documenta a revolta do povo quando a moeda entra em baixa: O Compadre andava numa empreitada "negra" e "espezinhada" (v.196) por estar a gastar todo o dinheiro e por receber negra paga (v.202).⁽²⁾ Os patrões "pagão lhe cõ parolas/palaurinhas de pinceos" (v.204,205), isto é, pagavam-lhe com conversa fiada.⁽³⁾ Os tecidos que as coma-

(1) - Cf. Valdemar Vedel. Ideales culturales de la Edad Media. La vida en las ciudades. Adapt. del danés por Jairo Ruiz Manent. 2. ed. rev. Barcelona, Labor, 1947. v.3, p. 85.

(2) - O vocábulo negro na acepção de infeliz, desventurado e infausto também foi empregado por Gil Vicente: "negra razão", no Diálogo sobre a Ressurreição. In: Pimpão, Obras completas de Gil Vicente, p.127; "negros fados", no Auto da Barca do Inferno (p.65). No Auto das Regateiras, Chiado usou-o diversas vezes: "negro serviço he ho teu" (v.72); "mas desta negra ãprenhidão (v.124); "Eu ando así tão pejada/com estas negras doências" (v.176-177).

(3) - Gil Vicente no Auto da Feira usou: "falar per pinceos" (Pimpão, 135). Pimentel informa-nos que Barreto Feio e Gomes Monteiro interpretaram duvidosamente como fallar por figuras (Obras do poeta Chiado, p. 56).

dres fiavam e o material que compravam, na opinião da Velha, "indagora valem caras" (v.253), custam mais caro porque os comerciantes corruptos "todos sam ladrões aeyto" (v.263) e "ho melhor deles mais furta". (v.264)

A Comadre, sem esperanças de um futuro melhor, achava que tudo estava "em perdição / oje mal cras empeora"(v.220-221),⁽¹⁾ isto é, hoje mal, amanhã pior porque o povo que esperava emenda no mandado que reduzia a moeda de cobre, decepcionara-se: "ficomẽ naquesse inferno" (v.228) em estado de desespero. Registra-se nesta expressão, a descrença do povo português, em dias melhores, em virtude da falta de competência de seus governantes.

Chiado, aqui, coloca nas falas da Velha o adágio incompleto: "leuam leys" (v. 242), que Pimentel completou: "onde querem reis, lá se vão leis".⁽²⁾ Quer dizer que, muitas vezes, as vontades dos reis (governantes) podem fazer com que as leis estejam de acordo com seus interesses.⁽³⁾ A Velha fazia, então, sátira ousada ao rei D. Sebastião que permaneceu em Almeirim⁽⁴⁾ indiferente à revolta do povo de Lisboa, afe-

(1) - Gil Vicente empregara também o advérbio cras juntamente com hoje: "e nam me descubras nem hoje nem cras": Breve sumário da história de Deus. (Pimpão, p. 113).

(2) - Op. cit., p. 58.

(3) - Este adágio refere-se a D. Afonso VI de Castela, quando, com violação das leis, mandou que fosse estabelecido o ofício eclesiástico romano no seu reino. O arcebispo D. Rodrigo, em sua obra histórica latina, De Rebus Hispaniae, dissera que tal sentença fora cunhada e a transcreve: "Quo voluntas Reges vadunt leges". Há, ainda, a variante: "La vão leis onde querem cruzados". Cf. Magalhães Junior Dic. bras. de provérbios, locuções e ditos curiosos. Rio de Janeiro, Ed. Documentário (1974) p. 311-312.

(4) - Almeirim, vila fundada por D. João I, em 1441, dista sete quilômetros da cidade de Santarém e setenta e seis de Lisboa. Este rei construíra neste lugar um palácio e D. Manuel, que aí costumava passar o inverno, ampliou-o. Antonio Mendes Correia et alli-Grande enciclopédia port. e bras. sob. a dir. de... Lisboa, Editorial Enciclopédia (s.d.) v.2, p. 79.

tado pela quebra da moeda.

E oportuno lembrar que Portugal passara por uma época de apogeu do Império, no início de Quinhentos; a grandeza dos portugueses, no entanto, encerrava, em si, o germe da sua própria ruína. A sua riqueza, advinda dos descobrimentos marítimos, fora fictícia. O luxo e a ostentação corromperam-nos.

Ao lado dessa riqueza, agitavam-se a miséria e o sofrimento. Durante todo o século XVI, o país fora assolado por epidemias - e Chiado refere-se a uma delas: "isto era em tpo de peste" (v.254) -, que arrastaram o povo às superstições e ao medo.

Transparece a impotência dos governantes na organização do domínio do Oriente. Os diversos tipos de carregamentos, provenientes dos domínios marítimos, chegavam a Lisboa, e diante da riqueza desordenada, os campos se despovoaram, definhou a população rural e não se produziu o suficiente.

Chiado presenciou todo este período de decadência do Império e o retratou em sua obra. D. Sebastião, que tomava posse do governo em 1568, reinou até 1578. No primeiro ano de seu reinado, reduzia-se a um terço o valor da moeda de cobre - "o patação a três réis, as moedas a real e um real".⁽¹⁾

Com tal situação econômico-social, as pessoas mais velhas recordavam um passado ideal e não tinham olhos para o futuro. Escusado é esclarecer que essa disposição de espírito contribuiu para o pessimismo geral, contido na crítica ao presente e no elogio ao passado. Para os homens não havia esperança de alcançarem maior conforto e melhores condições de subsistência; os

(1) - Oliveira Martins, História de Portugal, p. 341.

que apreciavam as coisas materiais e aspiravam a uma vida melhor só podiam ver, diante de si, um abismo. A exemplo da Idade Média, o homem do século XVI, não entrara no caminho do otimismo social, porque ainda não trazia consigo a idéia de aperfeiçoamento da sociedade; o homem aprendera, no entanto, a conhecer o novo e o diferente; reinou uma nova ética: a vida ativa tem, agora, supremacia. Houve exaltação da riqueza e do esforço e o desdém pela pobreza, consequência do surgimento do impulso econômico e urbano, quando o trabalhador, insatisfeito de sua sorte de homem dependente, reagiu. O novo não era mais considerado diabólico e ímpio; não houve mais, por parte de alguns homens, a tentativa de mascarar ou sufocar a mudança.

Houve o declínio dos bens rurais e aprofundaram-se as diferenças entre a cidade e o campo. Nas cidades, a população concentrava-se, viam-se os mesmos rostos, conheciam-se os antepassados de cada um, os indivíduos tinham relações íntimas e duradouras e a sociedade se constituía mais mundana.

No Auto das Regateiras, não obstante o Chiado reproduzir a vida e os hábitos de um estrato (inferior) da sociedade lisboeta, limitada à população alfamista, o interesse das personagens - especialmente as comadres - volta-se, também, para os adornos, para o traje, para a aparência física: enfim, as necessidades materiais da existência constituíram a preocupação primordial.

No final da Idade Média, afirmara-se exagerado gosto pelo luxo, havia certa frivolidade e muitas variações da moda, consequência, talvez, do receio que tinha o homem medieval de ter sua vida ceifada a qualquer instante. As grandes pragas, como a peste e a lepra, mudaram a maneira de ser dos homens; e por temor à morte uns se entregavam ao misticismo, outros, ao desregrado prazer, pela necessidade de viver intensamente.

As pessoas queriam chamar sobre si a atenção; por isso, procuravam caprichar na escolha do tecido e no modelo. O desejo de

se apresentarem mais ricas e mais belas suscitou a competição não só entre os nobres como também entre o povo. A veste era um sinal antigo da importância de cada indivíduo na sociedade; prova disso, é o privilégio que os cavaleiros davam aos brasões e às armas.

Não é de estranhar, portanto, que as personagens do Auto, embora tipos populares, denunciem a mesma preocupação. A Velha, mulher do povo, também participava da moda, queria ter melhor aparência. O veludo, tecido de superior qualidade, não faltava nem na indumentária das mulheres mais modestas. A Velha usou-o na cerimônia do casamento de Beatriz - "saya do cos de veludo" (v.1213) e demonstra sentir prazer em vestir roupas que lhe dessem boa aparência; usa ainda polainas⁽¹⁾ e, como a própria filha, fraldilha, gonete, beatilha e mantilha.

Trazeca ese gonetes
 e trazeme os alfinetes
 que yr noyte pus na chumela⁽²⁾
 Oulha ca abre essa caixa
 e tira-me a minha faxa
 que esta no fundo de tudo
 e a saya do cos de veludo
 que tem alforza⁽³⁾ mais baxa. (v.1207-1214)

(1) - As polainas, solicitadas pela Velha à Negra, certamente faziam parte da moda da época. Nos séculos anteriores, a bota teve largo período de uso e, a partir dos meados do século Quatrocentos, passa a ser o calçado de cerimônia e de corte (Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p.44).

(2) - chumela: almofadinha.

(3) - Alforza: alforja, bolso, sacola: O texto da Biblioteca Nacional de Madrid registra alforja. "A forma encontrada no séc. XVI é alforje, mas o Dic. Acad. registra como arcaica a forma alforja." (Cf. Cleonice Berardinelli & Ronaldo Menegaz, Autos de Antonio Ribeiro Chiado, p. 166).

Beatriz, noiva simples, põe no dia das bodas, uma veste comum, semelhante à da Velha:

Viste aqui loutra fraldilha
 e poras a beatilha⁽¹⁾
 que esta dentro no escaninho
 e viste o guonete⁽²⁾ fino
 e cinge issoutra mantilha.

(v. 929-933)

A menina casadoura usou também uma mantilha (véu) de acordo com a moda na época a lembrar-nos o antigo costume da aqueles que viveram nos primeiros tempos do cristianismo, em que os noivos, ou apenas a noiva, levavam um véu sobre a cabeça⁽³⁾

Muitos dos recursos relacionados com a moda, que tiveram a finalidade de embelezar a cabeça, persistiram, indiscutivelmente, através dos tempos e através dos costumes. A cobertura da cabeça mereceu da mulher da Idade Média uma atenção especial, quando fazia uso dos mais variados toucados. O costume continuou, no século XVI; a Velha usou também um véu sobre a cabeça e nos lembrou da moda da mulher da Roma antiga, herança do excesso de pudor e do recato.⁽⁴⁾

Quanto ao "chapeirão", tipo de capuz, é importante lem

(1) - Conforme observaram Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz, baseados no dicionário de Moraes, tratar-se-ia aqui de uma "touca de pastoras, e de beatas ou freiras". (Ibid., p. 155).

(2) - Gonete: "estará por gonela? Gonete: "um ferro de carpinteiro, que faz abertura funda na madeira" (Moraes). Gonela: "Certo vestido comprido com mangas, de homem e de mulher". (Encicl. P.B.) Parece-nos que estamos diante duma confusão originada pela ignorância da Velha e utilizada pelo Chiado para obter efeito cômico." (Cleonice Berardinelli & Ronaldo Menegaz, loc.cit.)

(3) - Oliveira Marques, op.cit., p. 117.

(4) - Id., ibid., p.49.

bramos que não estava em moda no século XVI. Entre os homens que tinham a profissão de pescador, entretanto, era comum usá-lo conforme Chiado deixa perceber na descrição feita ao marido de uma das vizinhas bonejas, pescador que se expunha "ao perigos do mar / vestido em hũ chapeirão" (v. 303-304).⁽¹⁾

Com respeito aos adornos, é a eterna vaidade feminina que faz a Velha adornar-se com um cordão a que está preso um bonzo, e perfumar-se com estoraque:

" e trazem o meu cordão
em questa atado o meu bõso"⁽²⁾
(v.1215-1216)

.....

"E dentro na cõdesinha
acharas hũa rodelinha
õ he de pano dalmadraque⁽³⁾
tem hũ pouco destoraque⁽⁴⁾
trazeo ca e vem azinha"⁽⁵⁾ (v. 1219-1223)

A Comadre, por seu lado, enfeitava-se com "aneys", "arieys"⁽⁵⁾ e

(1) - chapeirão (fr. chaperon) corresponde ao capeirão, capeirote, caperutada, capirotada, ou caperotada; tivera, no entanto, largo período de uso (século XII - XV) quando se colocavam com faixas em volta da cabeça em forma de cristas de galo ou imitando chamas (Johan Huizinga. O declínio da Idade Média. Trad: de Augusto Abelaira. Lisboa, Editora Ulisseia (s.d.) p. 256).

(2) - bõso:bonzo "Devia ser um berloque, figurando talvez um sacerdote oriental". (Pimentel, Obras do poeta Chiado, p.88).

(3) - almadraque: "coxim. Sua aia em corvos marinhos / Irã antre huns almadraques, Gil Vicente. Côrtes de Jupiter." (Id., ibid., p. 89).

(4) - estoraque: "Resina aromática da árvore d'este nome". (Pimentel, loc. cit.).

(5) - arieys: brincos.

"manilhas". (1)

Importavam-se, principalmente da França, os tecidos mais finos em razão do atraso industrial de Portugal. Assim, o tear caseiro ainda se encontrava em plena atividade no século XVI, e o Chiado não deixa de colocar em cena personagens femininas, conhecedoras da arte de fiar. A Velha mostra-nos que a manufatura do linho estava a cargo da dona de casa e constituía indústria doméstica. Tal como outras mulheres da época, a Velha trabalha na dobadoura a enrolar, em novelos, meadas que se guardam no cabaz:

"Trazê maqui adebadoura (2)

z hũ tanho em que masete

acabay colher mexedoyra

z pondelhe la hũa meada" (v. 90-94)

A Comadre entende, também, da arte de fiar; não tece, todavia, tão bem quanto a Velha:

Comadre: "Isso he estopa ou linho

Velha : linho / co. he delgado

nam faço eu este fiado

mal pecado

ja vou per outro caminho

(1) - manilhas: "pulseiras". Cf. Orta, *Drogas*; XXI. (Cléonice Berardinelli & Ronaldo Menegaz, op. cit., p. 116).

(2) - debadoura: variante de dobadoura. Pimentel registra dobadoura, "máquina onde se enfião as meadas abertas para se dobarem" (Moraes); (Cléonice Berardinelli & Ronaldo Menegaz, op. cit., p. 110).

ja os meus nêbros sãmãcos"(1)
(v. 243-252)

Um dos críticos portugueses, Oliveira Martins, confirmá-nos a persistência do tradicional tear caseiro, em Portugal, em meados de Quinhentos, ao lembrar que a rainha D. Catarina, avó de D. Sebastião, e irmã de Carlos V, "desatendida e só, fiava longas noites o linho de sua roca, as tristezas da sua alma, molhando amiúde os beiços quentes e secos do trabalho e da aflição. Assim fiando, morreu a irmã de Carlos V, com a certeza da irremissível perdição do neto estremecido".(2)

Grande fora o atraso da indústria, durante a Idade Média, limitada em grande parte ao trabalho manual; Portugal, preocupado com a preparação dos empreendimentos marítimos, encontrava-se em piores condições do que outros países.

E, valendo-nos do que Chiado retrata do habitual trabalho das comadres experimentadas, os tecidos fabricados por elas (donas de casa) eram linho, estopa (parte grosseira do linho), beatilha (tecido fino usado antigamente nas camisas e toucas) e bragal.

Algumas espécies de tecidos industrializados tinham o nome do local onde eram fabricados. Ruão, por exemplo, é o lugar onde se fabricava o tipo de tecido de linho para confec

(1) - Gil Vicente também fizera referências ao velho tear caseiro, na Farsa Chamada Auto da Índia, no diálogo entre Ama e Moça (Pimpão, p. 336); na Farsa Quem tem Farelos? num diálogo entre mãe e filha - Velha e Isabel (p.364) e no Auto da Lusitana, numa conversa entre Lediça, a Mãe e o Pai(p.465 e 467)

(2) - História de Portugal, p. 347 - 348.

ção de lençol.⁽¹⁾ No enxoval de Beatriz, do Auto das Regateiras, estão incluídos "quatro lanções de ruão" (v. 778).

Releve-se que o bragal era um tipo de tecido de varia da utilidade. No Auto das Regateiras, aparece como sendo uma faixa de pano com que a Velha cinge o corpo, com a finalidade de dar alívio às suas dores:

Velha: "tenho ja coalhado os mares
cõ mezinhas tudo he vento
Trouxe cengido ou bragal"⁽²⁾
(v. 165-167)

Chiado, entretanto, emprega o mesmo vocábulo, bragal, para uma espécie de avental que a Velha mandara Beatriz tirar da arca onde guardava, e dar para a Negra - "aqueesse emxoval" - colocá-lo.

Velha: "Acharas ahí hũ bragal
e dayo aqueesse emxoval
que sinja derador de sy"
(v. 604-606)

A mesma palavra ocorre, novamente, no texto, e significa, então,

-
- (1) - Ruão: freguesia de Fragoso, concelho de Barcelos, que na sua origem fora propriedade rústica (Cf: Antonio Mendes Correia et alli - Grande enciclopédia port.e bras. v.26, p328).
(2) - "Na Beira e Trás-dos-Montes ainda hoje chamam bragal a um pano de linho grosso, atravessado com muitos cordões". (Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo - Elucidário das palavras, termos e frases, por Maria Fiúza, Porto - Lisboa, Livr. Civilizações (1966) v.2, p. 40).

o pano com que cobre a amassadura. (1)

Velha: "Comadre esse trigo tal
quer se ao sol muyto secado
e se não he mesturado
peguase todo ao bragal"

(v. 401-404)

À medida que lemos os versos do Auto, tomamos conhecimento de outra peça de vestuário dos anos de Quinhentos. Fraldilha ou fraldrilha era denominação dada às peças íntimas que, feitas de linho bragal, até o século XV, tinham o nome de bragas. A terminologia mudou, no entanto, a partir do século XV; no século XVI, é um avental bordado. (2)

O poeta Chiado, que se achou no meio alfamista como, no interior de sua própria casa, forneceu-nos pormenores da vida portuguesa relativos à medicina caseira e à superstição do período quinhentista. No Auto, a Velha, a Comadre e Pero Vaz utilizam mezinhas para a cura de seus males físicos. A Comadre, por exemplo, que com queixas de prenhada veio visitar a Velha, no diálogo travado entre ambas, faz um diagnóstico para a doença - mal do coração - e aconselha para a amiga "língua ce ruína" (3) e ainda "caldos de formento". Por seu lado a Velha

(1) - Pimentel, Obras do Poeta Chiado, p. 63.

(2) - Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p. 35.

(3) - Pimentel informa-nos que língua cervina ou escolopendra vulgar é o Asplenium scolopendrium de Linneu e de Brotero. Feto raro encontrado em algumas províncias portuguesas incluindo Extremadura (Cintra), nasce por entre pedras e mora nos lugares sombrios e úmidos. Está classificada nas antigas farmacopéias não só de adoçante como a avenca mas também de vulnerária. (Op.cit., p. 54).

muito segura de si, cuja presença marcada com inteligência em quase todas as cenas, sempre a contracenar com outras personagens que se movem à mercê de sua disposição, menciona outros tipos de mezinha a que recorrera para dar alívio a seus padecimentos:

"Trouxe cengido ou bragal
 bibi dez manhãs anorça (1)
 comadre nada mesforça
 mas antes dobro meu mal
 pus ja alfaua da cobra (2)
 e o ouo cõ ha alfazema
 mas comadre isto he postema
 pois a mezinha não obra
 isto tenho ja por prema"
 (v. 167-175)

Outras muitas mezinhas terapêuticas e mais complicadas, o homem do século XVI conhecia e prescrevia contra uma infinidade de doenças. No final do século XV, todas as mezinhas preparadas nas boticas foram tabeladas, em Évora, pelo físico-mor do rei. É curioso notarmos que os próprios físicos concorriam com os boticários, fazendo mezinhas; e, ao lado dessas, existiam composições domésticas, daquelas cujas receitas andavam de

(1) - Segundo Pimentel, a norça branca ou bryonia é a Bryonia alba ou dioica. Habita nos tapumes, nos arredores de Coimbra e Lisboa. Tem cheiro repugnante e sabor acre. A sua raiz é grossa, succulenta e carnuda. Embora venenosa é bastante usada pela homocpatia com ótimos resultados. (Ibid., p.55.)

(2) - A alfauaca, também chamada alfavaca de cobra, cujo nome científico é Parietaria Lusitânica de Lineu; é usada em cozimentos e nasce em pardieiros. (Id., ibid., loc.cit.)

de mão em mão. (1)

A medicina popular natural teve em tempos remotos defensores. Plínio, o Velho (Caius Plinius Secundus), nascido no ano 23 e morto em 79 (d.C.), deixará à posteridade sua História Natural e, segundo ele, cada planta possui valor medicinal determinado. (2) A finalidade prática, atribuída às plantas, foi aceita pelo Cristianismo. Séculos anteriores, os religiosos que imploravam o socorro dos santos para a cura de doenças, compuseram livros sobre as virtudes das ervas; utilizaram velhas receitas domésticas para tratamento dos enfermos, obra de misericórdia obrigatória nos conventos, e buscaram nos médicos árabes as causas das enfermidades. (3)

No Auto das Regateiras, o Autor, que nos fornece elementos preciosos e autênticos do costume de ingerir mezinhas, retratou, através das personagens Velha e Comadre, as pessoas de seu tempo, desacreditadas dos bons efeitos das beberagens:

Velha : "cõ mezinhas tudo he vento
 Trouxe cengido ou bragal
 bibi dez manhãs anorça
 comadre nada mesforça" (v.166-169)

Comadre : "ja não me prestão mezinhas
 ay pernas q̃ não soys minhas

-
- (1) - Cf. Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p.102-103.
 (2) - Apud Luís de Castro Garcia. Medicina popular: donde están las enfermedades están sus remedios. Revista de Etnografía. Porto, 12, t.2:380, abr. 1969.
 (3) - Valdemar Vedel - Ideales culturales de la Edad Media. La vida monástica. Barcelona, Labor, 1948. v. 4, p.187-188.

cadeiras que vos farey"

(v.185-187)

Pero Vaz vai um pouco mais longe. Além de não acreditar no efeito terapêutico das mezinhas, como, por exemplo, a "agoa de pao"⁽¹⁾ aconselhada pela Velha, censura a incompetência e a ambição dos médicos:

"poys nãa poder de chuças
sararey" (v.684-685)

.....

"sabeis quẽ me tem pelado
mestres mestras: meu pecado
boticas e cristaleiras
olhay vos como isso rima"
(v.689-692)

.....

"todo seu curar he vento"⁽²⁾
ca mezinha vem decima"
(v.694-695)

.....

"ora hi dar deles querela
tenho con mestres guastados
passante de cinco cruzados
ora hula saude que dela".
(v.702-705)

.....

"pera que saibais

(1) - Pimentel supõe referir-se a uma decocção de mandioca.
(Op. cit., p. 72.)

(2) - Vento é vocábulo encontradiço nos adagiários do século XVI, ocorre também em Gil Vicente. Na Farsa dos Almo - creves, mestre Gil põe na boca do Oúrives a seguinte frase irônica: "E pagais-me ahí co vento/Ou com as outras mercês?" (Pimpão, p. 445.)

a fora suas receitas

me tẽ leuado de peitas

mais de dez tostões / mais"

..... (v.711-714)

"mas deles arenegay".

(v.717)

Expressões populares como "tudo he vento", usada pela Velha, e "todo o seu curar he vento / ca mezinha vem decima" empregadas por Pero Vaz, corriam de boca em boca, no sentido de tudo ser coisa vã, porque as obras não correspondiam às palavras. Há nessas expressões vestígio de descrença que trazia bastante aflito o ânimo do povo português.

A medicina e as mezinhas eram alvo de dúvida e cepticismo. Os médicos eram chamados pelos doentes, mas pouco acreditavam neles, embora muitos fossem mestres especialistas desta ou daquela doença, a exemplo do que se observa, no Auto, o "Mestre anrique" cuja especialidade era a tosse - peito gueiras".

Um dos médicos é chamado, no Auto, pelo apelido de "o doutor da mula ruça" que é o mesmo que charlatão. Teófilo Braga, ao falar do Auto das Regateiras, afirma que Chiado fizera alusão a um médico popular, em Évora, denominado o Doutor da mula ruça, em documentos oficiais.⁽¹⁾ Já R. Magalhães Júnior nos informa que tal apelido fora atribuído a certo curandeiro que existiu em Portugal, durante o reinado de D. João III, e reconhecido oficialmente.⁽²⁾

(1) - Eschola de Gil Vicente, p. 111.

(2) - Dic. bras. de provérbios, p. 107.

Chiado e, anteriormente, mestre Gil cobriram de ridí-
culo a medicina e os médicos da época em que viveram.

A ciência de curar que esteve sob influência da Astro-
logia, fundamentada por muito tempo no empirismo árabe, só a
partir do século XV é que veio a tornar-se especulativa, mas
pela crítica do Autor, percebemos que o povo mal acreditava ne-
la. Em parte, talvez, porque ainda muitos exercessem a profis-
são sem estarem para ela habilitados, embora desde os meados do
século XIV, físicos, cirurgiões e boticários passassem por exa-
me especial para adquirir a carta de prática. (1)

Agravou-se o desprestígio da profissão quando aqueles
que obtiveram grau de Doutor nos Estudos de Lisboa ou foram li-
cenciados permitiram exercê-la sem carta e sem exame. A tudo
isto, acrescenta-se ainda o mau costume do físico-mor de pas-
sar carta a quem quisesse exercer a medicina, desde que lhe pa-
gasse um bom preço. (2) Esses fatos contribuíram para desmora-
lizar e ridicularizar a profissão.

Repare-se que o material oferecido por Chiado no Auto
das Regateiras, referente às mezinhas não são beberagens tão
completas quanto à recomendada pela personagem Leonor Vaz à Bra-
zia Machado na Prática dos Compadres do nosso mesmo Autor. (3)
Na mezinha preparada pela comadre Leonor Vaz entram animais -
o gato preto, "verbi gratia" - que davam um forte contingente
à feitiçaria, a exemplo do Auto das Fadas, de Gil Vicente, quan-

(1) - Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p. 102.

(2) - Ladislau Batalha - Hist. geral dos adágios port., com um
estudo preambular de Agostinho Fortes. Paris, Aillaud &
Bertrand, 1924, p. 65.

(3) - Pimentel, Obras do poeta Chiado, p. 124.

do, na mezinha completa, aconselhada pela feiticeira Genebra, há uma lista de invocações misteriosas e de drogas inverossímeis. (1)

No Auto das Regateiras, a Comadre, além das queixas de prenhada, acredita que seu mal é, sobretudo, de quebranto. Esta superstição ou mal vulgarmente tido como resultado de feitiçaria transmitida pelo olhar (mau olhado), não poderia deixar de aparecer aqui. Já Rubena, na comédia do mesmo nome, do fundador do teatro português, esperava uma criança e solicita Genebra para benzê-la de quebranto. (2) Chiado põe nos lábios da Comadre as seguintes palavras:

"tenho muyto do quebrãto
 e muyto do mao pesar"
 (v. 390-391)

Ciência médica e superstição, portanto, comparecem juntas na peça do Chiado. A Comadre indica, ainda, para o estado de cansaço da Velha, a defumação:

"defumay vos cos papes
 que fazem muito pro eyto"
 (v. 160-161)

Estranhamos, todavia, que a defumação indicada, seja com papéis

(1) - Pimpão, p. 375.

"gato negro, negro he o gato
 Bode negro anda no mato,
 negro he o corvo e negro he o pez"

(2) - "Llámame Genebra acá, /; que te haden buenas hadas! / que me venga a bendezir / del quebranto, mucho presto; /; presto, que quiero morir!" (Pimpão, p. 165).

e não com resinas ou ervas aromáticas, conforme se costumava fazer. Essa crendice não assenta em nenhuma base racional, mas é de inegável valor como tradição no processo supersticioso. A medicina supersticiosa usada, portanto, entre eles, supõe poder sobrenatural e possui, como caráter típico, o mistério contido em sua prática.

A alfazema, preparada com uma mistura de ovo pela Velha, para servir de remédio de seu mal-estar, é planta também usada pela superstição popular, para defumação e outros exorcismos.

Uma completa fusão de crenças e de superstições se mantinha, por conseguinte, ao lado do Cristianismo. Os homens acreditavam no mau-olhado, nos malefícios, encantamentos, agouros e adivinhos, crenças que permaneciam, não obstante houvesse, desde o tempo de D. Dinis (final do século XIII e início do XIV), castigos severos para quem não acreditasse em Deus e na Virgem,⁽¹⁾ e por isso, ressuma, no Auto, através das personagens, o desvio de ortodoxia. O quinhentista, que acreditava no poder de Deus, a exemplo do homem medieval, tinha sua crença também no poder do Diabo.

Vale lembrarmos que o verdadeiro espírito de uma época muitas vezes se revela melhor na sua maneira de ser e de exprimir as coisas triviais e comuns. Na vida ordinária, o espíri-

(1) - Reza uma das Ordenações: "El Rey Donis, com conselho da sua Corte manda e poem por Ley, que quem quer que descreer de Deos, e de sua Madre, ou os doestar, que lhes tirem as lingoas pelos pescoços, e que os queimem". (Ordenações do senhor rey D. Affonso V. Coimbra, Real Imprensa da Universidade. 1792. L. v, p. 354).

to de uma raça ou época se expressa ingênua e espontaneamente; é nos domínios da vida corrente que transparecem os hábitos mentais. No século XVI, persistiu a tendência do espírito da Idade Média de acontecimentos, casos fictícios e históricos se cristalizarem, se tornarem exemplos a fim de servir de modelo de uma verdade moral. A cristalização dos pensamentos encontra em grande parte e sua expressão nos adágios, documento vivo da sabedoria coletiva. No Auto das Regateiras, as falas das personagens estão repletas de lugares comuns, mantidos pela tradição. O tom categórico e judicioso de Pero Vaz, homem do povo, nos diálogos alinhavados de adágios, ⁽¹⁾ revela sensatez e riqueza de pensamento. Nas sentenças morais, Pero Vaz apóia seus conceitos, querendo passar por mestre da vida. ⁽²⁾ Sua forma de exprimir os pensamentos, juntada à tosse renitente (da qual se queixa o tempo todo), é característico de homem de meia-idade, que já pode transmitir a sua experiência.

Se atentarmos para os tipos que o Autor nos apresenta, a Velha é o mais bem delineado. O Autor fixa o seu retrato com uma individualidade bem definida, conforme já observaram Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz. ⁽³⁾ Põe em relevo a impulsividade com que ataca a filha e a criada, a maledicência reve

(1) - Raphael Bluteau considera o anexim, ditado, provérbio, rí-fão e sentença sinônimos de adágios (apud Antonio Delicado. Adágios portugueses reduzidos a lugares-comuns. Nova ed. rev. e prefaciada por Luís Chaves. Lisboa, Livr. Universal, 1923, p. 14).

(2) - Apresentaremos, pelo menos, alguns adágios que mais nos prenderam a atenção: "as cousas que de deos sam / deos as ordena e ajunta" (v.721-722); "em boca fechada/já sabes nam entra mosca".(v.656-657); "fuge das mas companhias/seras de todos espelho".(v.666-667); "e pois agoa não vê ao moirão/q va o moirão agoa/par tudo ir por seu caminho" (v.727-729); "quẽ nam oulha ao diante/do mal que vir nam sespante!" (v.987-988).

(3) - Autos de Antonio Ribeiro Chiado, p. 86.

lada no diálogo com a Comadre, a astúcia com que arruma um marido para a filha e até mesmo o cinismo com que alude ao genro. Essa personagem fora considerada pelos críticos a "soma das Velhas do teatro quinhentista tradicional"⁽¹⁾ e de contornos coincidentes com os das Velhas vicentinas ou do mesmo Chiado.

O Autor mantém-na longamente em cena e é a personagem que mais fala. Na sua linguagem, há maior número de vocábulos arcaizantes; é rica também em adágios, assemelha-se à língua de Pero Vaz e da Comadre; dela se diferencia, no entanto, pelo uso de termos obscenos.⁽²⁾

Ao contracenar com pessoas amigas, a Velha é prestativa, solícita e agradável; no entanto, é impaciente e agressiva com Beatriz e a Negra com quem convive.

A Velha, rabugenta, está sempre a provocar e a insultar a filha: chama-a preguiçosa, dorminhoca, mentirosa e mexeriqueira;⁽³⁾ acusa-a de gulosa por várias vezes:

(1) - Id., ibid., loc. cit.

(2) - Velha: "arroja o c...pela esteira" (v.314); "cadela z encu na cama" (v.37); "olhade a pele no c..." (v.18). Andrade: "la detras no c...de judas" (v.1156). A propósito destas ~~gms~~ séries habituais no teatro do século XVI, lembra Alberto Pimentel que os poetas cômicos chamavam as coisas pelo seu nome; cita para tanto o vocábulo "pousadeiro" usado por Gil Vicente como sinônimo da palavra c..., encontrada no Auto dos Físicos. (Obras do poeta Chiado, p.50). A propósito da particularidade de linguagem, a Velha, a Comadre e a Mãe, a exemplo das comadres e senhoras velhas vicentinas, conservam o d intervocálico da segunda pessoa do plural, desaparecido do português literário da primeira metade do século XV. (Paul Teyssier - La langue de Gil Vicente. Paris, Klincksieck, 1959, p.182-198). Cf. Velha: "olhade" (v.18); "olhade" (v.1252); "Ieuantade" (v.1353); "chegade" (v.1370); "concertade" (v.1392); "começade" (v.1395). Comadre: "bebede" (v.140); "veredes" (v.237); "acabade" (v.1362); "comede" (v.1363). Mãe: "lançade" (v.1373). A Velha foi a que mais empregou tal particularidade de linguagem.

(3) - Cf. v. 453 - 455.

"não sera bem que sayaes
desse pote daletria"
(v.846-847).

Mãe desamorosa, chega a prever para Beatriz o desgraçado fim da prostituição:

"tu daras synal na rua"
(v.506);

e roga-lhe pragas bem pouco maternais;

"malina quẽ te matase"
(v.74)⁽¹⁾

"afe que não menforcasse"
(v. 77)

As pragas eram correntes em todo o País, apesar da existência de severas penalidades a quem dirigisse insultos contra pessoas ou coisas repetíveis.⁽²⁾ A propósito, Johan Huizinga assinala que, no fim da Idade Média, expressões como a blasfêmia eram uma espécie de divertimento da nobreza;⁽³⁾ Deschamps, por outro lado, notara que o hábito de dirigir injúrias tendia a descer às mais baixas classes.⁽⁴⁾ Assim, no Auto das Regateiras as imprecizações, freqüentes nos lábios da Velha, também brotam, com a maior naturalidade e cheias de ofensas, de outras personagens como a Comadre, Beatriz e Parvo⁽⁵⁾ - gente do povo e incu

(1) - Malina: forma que ocorre também em Gil Vicente, em que se observa a queda do g de maligna (Auto Pastoril Português, Pimpão, p. 103).

(2) - "Dos que arrenegam, e blasfemam de Deus, e dos seus santos" (Ordenações do senhor Rey D. Manuel. Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1797. L. V, título XXXIII, p. 96 - 97).

(3) - O declínio da Idade Média, p. 167.

(4) - Ibid., p. 168.

(5) - Cf. v.300-301; v.460-461; v. 548.

ta, que recheia o Auto. As acusações da Velha forçam reações de Beatriz que as devolve. As injúrias trocadas criam uma atmosfera de hostilidade bem diferente da disposição de ânimo serena, bem humorada de sensibilidade sincera, do modesto lar de Pero Vaz.

O realismo de Chiado traz-nos as rabugices da Velha, tradicional figura da mãe desamorosa e impertinente, tipo universal e de todos os tempos; todavia, e embora quizilenta a Velha ouve os revides da filha agredida, obediente, mas indócil. Beatriz, que não renega o trabalho, sempre presa às tarefas excessivas de lavar, esfregar e cozinhar, discute com a mãe, diz o que pensa dela:

vos não sois como outra gête
 nunca vos vy sem bradar
 não ha saber vos levar
 ãahi quem vos contente
 z disto vos podeis guabar
 (v.612-616),

e julga-a severamente:

ã sois molher mas sois drago
 sois peçonha
 que noyte z dia não sonha
 senão por day messa palha
 cortardes como naualha.
 (v.858-862)

A situação foi largamente explorada tanto na prosa como na poesia universais:⁽¹⁾ Beatriz rebela-se contra a tirania
 (1) - Valdemar Vedel - Ideales culturales de la Edad Media. La vida en las ciudades, III, p. 185.

materna, mas moça casadoira, aceita o marido arranjado, talvez para se livrar do forte domínio da mãe. E como nas farsas vicentinas, embora menina obediente, cumpridora das ordens dadas com impaciência pela mãe, até mesmo as recebidas no dia do casamento, julga-se, em casa, a própria moura:

Velha : tu dizes ques aqui moura

Beatriz: quanta isso deos o sabe

Velha : pera que sea quisto acabe
tira la essa debadoyra
Corege aquelas cadeiras
despeja essa casa toda
pois tua a desse a boda

(v.921-927).

Mas, Beatriz não se comporta segundo os padrões do tipo, isto é, preguiçosa, desobediente, presunçosa e vaidosa, a exemplo do que ocorre com a Inês Pereira da Farsa de Inês Pereira, e Isabel, da Farsa Quem tem Farelos? Beatriz apenas, como elas, quer se casar; e não só aceita como propõe à Velha que arranje um marido:

"Casayme vos cõ alguem

z sereys desabafada"

(v.498-499)

Diferencia-se dos tipos vicentinos, ainda, porque aceita um marido imposto - "rico z tolo" (v.370) -, enquanto Isabel tem o namorado que quer e Inês Pereira escolhe, ela mesma, seus

dois maridos.

Beatriz distingue-se das moças que lutam por conciliar as duas partes, mãe e namorado. Por não pensar em namorar e não ter um amor rejeitado, não sofre proibições maternas de sair de casa; se há mães que, por amor ou ciúmes, atrapalham o namoro das filhas, no Auto das Reçateiras acontece o contrário; a Velha não só arranja, mas também impõe o marido a Beatriz.

Verdade que, como tipo de mãe ralhadora, não é nada compreensiva; desempenha mesmo o papel de madrasta. Fortemente individualizada, não é apenas a Velha com suas rabugices e obscenidades, mas a própria e inconfundível mãe casadoura. Velha ladina, elogia Beatriz, por uma única vez, quando procurava convencer Pero Vaz do bom casamento que seu filho faria:

"pois mi filha breatiz varela
que ouuer de casar com ela
te muyto bom casamento"

(v. 756-758)

Astuciosa, diverte-se do embuste que vai armar ao genro, impingindo-lhe a desenxabida da filha:

"E o marido que leuar
tal joya como tu es
cumpre lhe andar dos pes
que tu as desperdiçar
segundo es feyta ao reues"

(v.468-472)

Manda ataviar-se e adornar-se a filha para aparecer ao noivo;
ensina-lhe os artifícios com que se lhe deve apresentar:

"asy como tu cheguares
faras a todos mesura
ficaras muyto segura
sesuda sem te mudares
Perdoai que ja tardaua"

(v.1278-1282)

A supremacia da mãe é uma persistência, no século XVI, dos costumes medievais. A constante vigilância da Velha, a quem a filha Beatriz devia satisfação de seus passos, acentua-se pela ausência do pai que morrera, e está voltada, sobretudo, para os afazeres domésticos. E além disso, a Velha, mãe briguenta e desamorosa, é também senhora desapiedada. Suas atitudes agressivas associam de certo modo Beatriz e a escrava Luzia, igualadas, ao menos uma vez, pela mesma designação:

"Que deloutro cadelão"

(v.12).

Mas, não é só Beatriz que, como filha, a Velha maltrata; a Negra adquirida pela Velha na época do tremor de terra (1531)⁽¹⁾ como parte do grande número de escravos que chegava a Lisboa desde 1441, para trabalhar no serviço caseiro,⁽²⁾ é outra vítima de sua impiedosa agressão.⁽³⁾

(1) - Cf. "ouuea notremor da terra", v.805.

(2) - P. Teyssier, La langue de Gil Vicente, p. 227.

(3) - Assinale-se que estes escravos, nesta época, serviam, em Portugal, à corte e até mesmo às pessoas mais simples como a -
contece no Auto das Regateiras.

O relacionamento agressivo entre senhora e negra é cópia do cotidiano quinhentista português. O fato de o Autor ter vivido entre o povo e ter conhecido os costumes populares contribuiu para dar vida e colorido aos tipos: o cômico apesar de tudo, surge espontaneamente das disputas entre senhora e escrava.

A exemplo de outros dramaturgos,⁽¹⁾ Chiado reproduziu o falar do grande número de escravos que se encontrava em Portugal e teve, ainda, o cuidado de estropiar o latim e o grego nas falas da Luzia.⁽²⁾

O tipo já comparecera no Cancioneiro Geral, e a composi

-
- (1) - Em quatro peças Vicentinas (Fragoa do Amor, Nau de Amores; Clérigo da Beira e Floresta de Enganos) e cinco do teatro pós-vicentino (Prática de Dito Figuras, Auto das Regateiras de Chiado; Auto da Bela menina de Sebastião Pires; Auto Vicenteanes Joeira e Auto de D. Fernando; anônimos), surge o negro com a sua característica algaravia. (Cf. P. Teyssier, op. cit., p. 231-250).
- (2) - Mencionaremos alguns caracteres principais da língua da Negra Luzia: descuido das desinências verbais de tempo, modo e pessoa: "mim traze pote cabeça". (v.569) (traze:trazia); "boso tia não dize" (v.544) (dize:disse); "nã quere ca mim raza" (v.21) (quere: quer); o infinitivo além de ser empregado por qualquer outro tempo, aparece sem o r final: "à mim fruga boso mata" (v. 24) (fruga: folgar = folgo); "boso sem pre brada brada" (v. 25) (brada: bradar = bradais); tendência a transformar o l em r e a desfazer o grupo rl em consoante: "fruga" (v.24); emprego do pronome oblíquo pelo reto; o artigo desapareceu; "boso" por vós (v. 25); passagem de v para b; "catiba" (v.20); "seora" (v. 14) por senhora. Temos ainda a passagem de d para r "ro" (v.20) considerada por Teyssier, na sua monumental obra, uma das mais curiosas particularidades da língua do negro. (Ibid., p.245). "crialeysam/cristeleysam!" (v. 16) que correspondem a Kyrie eleison, Christe eleison, palavras gregas usadas no Ato Penitencial no início da celebração da missa; "sato biceto nomen tuu" (v. 17) correspondem às palavras do Pater Noster (sanctificetur nomen tuum). Gil Vicente no Clérigo da Beira também apresenta um Pater Noster rezado por um negro em forma estropiada.

ção do coudel-mor Fernão da Silveira (1455)⁽¹⁾ escrita para a infanta D. Joana, por ocasião de seu noivado com Henrique IV de Castela, segundo Teyssier, é, possivelmente, a mais antiga produção literária em que o negro africano se apresenta.⁽²⁾ Tornara-se, entretanto, uma personagem vulgar no século XVI, e a primeira obra vicentina a incluir esse tipo foi Frágoa do Amor (1524).

A escrava Luzia do Auto das Regateiras, a única negra do teatro tradicional quinhentista, como bem observaram Cleonice Bernardino e Ronaldo Menegaz⁽³⁾ lembra o tipo criado nas trovas de Anrique da Mota "a hũ creligo sobre huã pypa de vynho ã se lhe foy polo chã..."⁽⁴⁾ 1516. A negra do Anrique da Mota é acusada pelo clérigo de ter entornado a barrica de vinho; a que criara Chiado no Auto das Regateiras fora acusada de ter quebrado outra "quarta noua" (v.559) quando buscava água no chafariz. Ambas são ameaçadas de severos castigos. No Cancioneiro Geral, o clérigo promete pingar a negra: "Do perra de manicongo/ tu em tornaste este vynho,/hũa posta de toucinho/tey de guastar nes se lombo".⁽⁵⁾ No Auto das Regateiras, a Velha não só ameaça a escrava deste castigo: "vos prouares ho touçinho /cada hũ va per seu caminho" (v.55-56), bem como ameaça de espancá-la.⁽⁶⁾ Mas

(1) - "coudel moor por breve de hũa mourisca rratorta que mandou fazer a senhora princesa quando esposou". Cancioneiro geral, I, p. 204-205.

(2) - Op. cit., p. 227-228.

(3) - Autos de Antonio Ribeiro Chiado, p. 87.

(4) - Cancioneiro geral, V, p. 195-202.

(5) - Ibid., p. 197.

(6) - Cf. rubrica "faz que vai dar na negra e vem cõ sua filha e diz". Os dois autores retratam o hábito das pessoas de pingarem sobre a pele dos escravos gordura quente para puni-los (Cf. P. Teyssier, op. cit., p. 229).

as ofensas aos escravos, humilham-nos e os rebaixam. No Cancioneiro Geral, o clérigo chama a negra de "perra"; no Auto das Regateiras, vários foram os aviltantes nomes dados pela Velha à escrava: "cadelão", "cadelã", "negra", "perra" e "negri-grinha". As duas negras discutem, reagem às agressões dos patrões; No Auto das Regateiras, Luzia, além de chamar a Velha de tagarela:

Negra : "A boso sempre sagraya

Velha. : huy que diz ela/que diz

Beatriz: diz ã palrais como gralha"

(v.40-42),

deseja-lhe também a morte:

"Dize verdade ese tem
brada brada bosso bem
nunca boso mim tende
pro que boso nam more
mim dara boso bintem"

(v.1246-1250)

Mas não somente estas personagens que Chiado pinta com perfeição. Aos tipos copiados, ao vivo, do povo, acrescenta-se o Parvo, cuja linguagem também se diferencia dos demais. Tipo tradicional popular, é imbecil e estúpido e não tem nome. É um simples de espírito que surge em cena como doméstico e mensageiro da tia. Já apareceu no Cancioneiro Geral - na Farsa do Alfaiate - composição de Anrique da Mota e em obras vicentinas.⁽¹⁾

(1) - t.5, p.202.

Este tipo surge, todavia, com sua linguagem característica rústica, só a partir do fundador do teatro. A aparição do Parvo, no Auto das Regateiras, elemento de comicidade, é puramente episódica; desempenha um papel curto. Por sua falta de memória, nada sabe, e sua explicação é embaraçada.⁽¹⁾

Em síntese, Chiado aproveitou a vivacidade e a irreverência da linguagem popular; e porque teve bom ouvido, reproduziu, com exatidão, a língua das personagens em ação. Em alguns destes tipos, a caracterização temperamental e a linguagem encontram-se tão tipificadas que elas chegam a despojar-se do nome próprio para ficarem a Velha, a Comadre, o Parvo e a Negra.

A linguagem, espelho do espírito da sociedade que a usa, o comportamento e a indumentária particularizaram cada tipo popular do Auto, formaram o retrato físico e objetivo do povo simples de Portugal e refletiram o "modus vivendi" da sociedade do século XVI.

(1) - "Mãda-me ca minha tia/que dise que dezia ela" (v.536-537); dizia que diria ela/já me lãbra já já já" (v.540-541). A ausência de concordância dos tempos junta-se ao vago das palavras, às repetições e dão ao verso um andamento confuso e estúpido. A linguagem rústica desta personagem teve, também, o seu vocabulário típico: "sia" (v.560) (forma derivada de sedere); "ynha" (v.551) (forma encontrada ainda no dialeto português do norte e sul e na língua do Brasil). (Cf. Teyssier, *op.cit.*, p. 127-128). Aqui, é oportuno assinalar o nosso desconhecimento de expressões e vocábulos que ocorrem no Auto, como é o caso de "limpa mosca he prazer" (v. 464); "tera mão no castiçal" (v.360): a Comadre atribuiria, aqui, à situação ridícula do marido que segura, passivamente, o castiçal, enquanto a esposa pratica o adultério? "me tornou hũ pão de cera" (v.138): a Velha que era "desposta rija hũ lião" (v.136) de pois que a doença a acometera, tornou-se um "pão de cera"; ficara a Velha, por acaso, magra e pálida? No texto da Biblioteca Nacional de Lisboa e no da Biblioteca Nacional de Madrid, astres expressões mencionadas não aparecem diferenciadas. "escoroupin" (v. 232); o texto da Biblioteca Nacional de Madrid registra "escorupim". Pimentel afirma ser termo de gíria quinhentista. Aventa, todavia, a hipótese de ser uma substantivação deturpada do verbo escarrapiçar, que significa depenar, arrancar pêlo, por se tratar de uma medida que prejudicava o povo. (Obras do poeta Chiado, p.57).

Cenas flagrantes de interesse que constituem fonte de estudo dos costumes, do modo de vida, enfim, da sociedade portuguesa quinhentista, são também as relativas à realização do casamento de Beatriz e o Noivo. O Auto registra, com particularidades, o desejo inicial da Velha de casar a filha, a evolução desta vontade no ajuste das bodas, feito pelos pais dos noivos (Velha e Pero Vaz) e o desfecho matrimonial, representado nas cerimônias populares.

A história narrada, cuja situação inicial evoluiu, progrediu e chegou à realização do casamento - situação nova que fechará o Auto - põe em relevo o triunfo alcançado pela Velha, astuciosa, e retrata o matrimônio, segundo as tradições da época.

Vale ressaltar que no Auto das Regateiras, cujo tema é o empenho de uma mãe para casar a filha, o casamento realizado representa, conforme a realidade, um pacto social para a multiplicação da espécie e a regulamentação dos costumes.⁽¹⁾ Na sociedade monogâmica de quatrocentos anos atrás, só pelo casamento seriam realizados os anseios cristãos e compreender-se-ia a aproximação dos sexos. E, valendo-nos do que Chiado deixa aflorar pelo decorrer da intriga, com sua multiplicidade de episódios, no século XVI, entre a gente modesta do bairro da Alfama - pescadores e regateiras - registravam-se matrimônios mais por interesse mútuo do que por amor. As bodas eram tratadas pelos pais e os noivos quase não se conheciam, mesmo depois de marcada a data do casamento.

(1) - Cf. "he muy bem que tacrecente", v. 1005.

Velha: "z posto que a não conheça
 eu sey bem qua de folgar"
 (v.837-838).

Essa forma de casamento, portanto, era uma persistência de uniões matrimoniais de Idade Média, cujo casamento era, então, um negócio que dependia dos interesses da linhagem ou do senhor feudal. (1)

No Auto das Regateiras, não houve os chamados esponsais que correspondem hoje ao noivado. O dote pago pelo marido - compra do corpo - conforme se usava entre a fidalguia, não ocorre, aqui, por se tratar de gente modesta. (2) Os pais arrenjam o casamento como se estivessem a cuidar de um negócio. Pero Vaz é o primeiro a enumerar os dons e bens do filho. O noivo, além dos "sasenta mil reaes" (v.743), traz os instrumentos próprios de seu ofício, usados, então, na época: redes, barca, ucha, gorazeira, prancha e ainda fateixa, cordas e remos. (3) Pelos instrumentos do ofício do noivo, cuja profissão era a mesma do pai - pescador - conclui-se que o progenitor transmitia para o filho os seus conhecimentos profissionais.

A Velha que, por seu lado, não queria ficar atrás, depois de conhecer os haveres do futuro genro, relaciona, numa longa e misturada lista, os mais variados bens da filha. Além de terras cultivadas e arrendadas - "tẽ hũ oliual em sam

-
- (1) - Pierre Yves Badel - Introduction à la vie litteraire du Moyen Âge. Paris, Bordas Mouton 1969 p. 21.
 (2) - Cf: Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p.116-117.
 (3) - Cf. v. 747 - 754.

bento⁽¹⁾ e hũ pinhal na rentela⁽²⁾ / e vinha da foramento" (v. 759-761) -, Beatriz possuía roupas e objetos necessários para a casa, que, certamente, constituíam o enxoval de uma noiva de suas condições nos anos de Quinhentos: colchões, cabeçais, cobertores, castiçais, cortinas, esteiras, tanho, bacios de pisa, bacias de fartens, almofias, çral, enxergão e lenções.⁽³⁾ Encontram-se, ainda, relacionados, no rol do enxoval, a escrava Luzia, uma peça a mais que "tem inda dente" e "trabalha co mo zeina", bem como os presentes que seriam ofertados à noiva, isto é, "o mays que lhe darão" por ocasião das bodas.

Lembremos que a Velha ladina, tenta passar a escrava por mais moça do que é, quando, numa ligeira consideração cômica, faz confusão cronológica propositada. Se a obteve como serviçal, no tremor de terra,⁽⁴⁾ em 1531, com trinta e um anos,⁽⁵⁾ a Megra já estaria com quase setenta anos; ao perceber, todavia, a incoerência que fizera - ser a escrava "moça dalgũs cincoenta" - acrescenta: "saluantesa conta erra" (v. 808).

A Velha não se esqueceu de mencionar o importante predicado da filha, para uma noiva da época - a virgindade.

(1)- São Bento: "Vê-se que no século XVI a actual rua de São Bento era ainda terreno de cultura". (Pimentel, Obras do poeta Chiado, p. 75).

(2)- Arrentela: "freguesia do concelho de Seixal, comarca de Almada, distrito de Setubal, Diocese e relação de Lisboa." (Antonio Mendes Correia et allí, Grande enciclopedia portuguesa e brasileira, v. 3, p. 352).

(3)- Cf. v. 763 - 780.

(4)- Segundo Pimentel, trata-se do "grande tremor de terra de 26 de janeiro de 1531, ao qual Gil Vicente se refere numa carta a D. João III". (Op. cit., p. 76).

(5)- Cf. v. 801.

"E ele não lha dachar
 menos a principal peça"

(v.835-836)

Tal referência era muito oportuna para o momento, sobretudo, numa sociedade em que o instinto sexual era considerado pecado.

As mesmas intenções aproximam Pero Vaz da Velha; ambos trataram o casamento como um bom negócio para as duas partes. Entretanto, os dois pais, tão empenhados na realização do casamento dos filhos, tiveram o cuidado de não causar a impressão de que os forçavam. Até parece que conheciam a lei Afonso II - "Que não costringam alguém que case contra a sua vontade" - posteriormente, reformulada por Afonso III; na época de Afonso V (1394-1458), as duas leis, encontradas em suas Ordenações, continuam em vigor, e este rei manda que as pessoas guardem e as cumpram em todo o reino. (1)

Mas, consoante o Auto das Regateiras, pais que de certa forma obrigavam os filhos a se casarem, ainda os havia no século XVI. A Velha, firme em seus propósitos de casar Beatriz - "agora te casarey" (v.877) - não lhe dá o direito de escolher o marido:

"pois tua a desser a boda
 ainda que tu não queiras".

(v.927-928)

Muito segura de si, no entanto, age com astúcia, perguntando à

(1) - Ordenações do senhor rey D. Affonso V, L.III, Título X, p.71.

filha se o queria;

"ques tu com ele casar"

(v.904);

e, com a finalidade de facilitar o casamento, a Velha, na sua arte de casamenteira industriosa, pinta o Noivo um belo rapaz:

"O filho de pero vaz

he dourado como o sol

rico bom omen de prol",

(v.882-884).

Para a Comadre, todavia, que o julga "manso e tenro" (v.352), a Velha ladina deixa transparecer seu interesse:

"Nam he macho nã capacho

nã he pão nã he formento

..... (v.354-355)

quem casa com tal comele

nam casa com tua pele

mas casa coquele tem."

(v. 365-367)

Vem a pêlo notar o cinismo da Velha ao se referir ao futuro genro que lhe parece excelente, porque é tolo e rico:

"rico e tolo

que visse a corna co olho

z perguntasse que quilo"(1)

(v. 370-372)

Frisemos que a Velha não se preocupa com as qualidades morais do genro, mas com os haveres que ele tem. O casamento para a sogra interesseira era importante porque havia bens a ganhar. As dificuldades financeiras dessa mãe viúva determinavam-lhe a maneira de pensar. Regateira, vendedora dos tecidos que fia va, prática, tornara-se comerciante, a visar sempre o lucro. Pensa, principalmente, nas necessidades primárias:

"Ele tem

vinho z pão quãto conuẽ"

(v. 373-374)

Pero Vaz, por sua vez, procurou agir também, com habilidade para o filho não sentir a imposição de se casar com a moça que ele, o pai, arranajara. Depois de louvar a obediência do filho, é ajudado pela Mãe que apresenta ao Noivo o casamento como a melhor solução; ela, para tanto, justifica-se na ida de do filho - "de bõs trinta" (v. 1025) - e por isso já era "tempo de ter siso" (v. 1028). Pero Vaz, por seu lado, a exemplo

(1) - A palavra "corna" tornou-se pejorativa para designar a situação do marido diante do adultério da esposa. Esta idéia obscena e insultuosa subsistia já em Roma e Grécia. Na antigüidade concederam a algumas divindades da deusidão e orgia (Sátiros, Pan e Baco) usarem cornos como emblema das virtudes: força e atrevimento. Outras interpretações, entretanto, há. Para alguns, os dois chifres recordam os raios de sol por ser o seu calor indispensável ao desenvolvimento e ao acuecimento das florestas e dos gados. (Ladislau Batalha, Hist. Geral dos adágios port., p. 256). No Auto, o vocábulo "corna" está usado no sentido pejorativo a que nos referimos acima, quando então, a Velha alude à estupidez do Noivo e a sua possível insensibilidade a uma dor moral.

da Velha, menciona, de modo interesseiro, os predicados da noiva, qualidades que não dariam ocasião para falarem mal de la:

"he vertuosa
rica/ e onrrada formosa"
..... (v.1065-1066).

"porquestas são as alfaias
pera lhe ã porem grossa"
(v.1068-1069).

O filho obediente, que tudo aceitava sem revolta, ousou dizer, entretanto, que pretendia, antes de se casar, viajar, conhecer o mundo, desejo habitual nos jovens da época:

"Eu tinha no pensamento
dar primeiro hũa yda fora
porque casar me agora
he catiuar me ante tempo"
(v.1070-1073).

O pretendente, todavia, ao sentir-se senhor de seu livre arbítrio, com a resposta do pai, que surtira excelente efeito - "nã to tolho vay embora" - desiste de suas intenções e entrega-se à mercê dos desejos de Pero Vaz: " e estou aparelhado/ a fazer ho que mandays".

A falta de contacto entre Beatriz, "dama eçarrada", e o Noivo tímido justifica a maneira de agir dos pais, que fizeram as vezes de mediadores. Releve-se a interferência e ajuda de ambos satisfazendo a uma situação de conveniência e de interesse mútuo. E, valendo-nos do que Chiado mostra pelo decorrer

da intriga, repleta de incidentes simples da vida doméstica, o sucesso dos pais viera da astúcia com que agiram.

Quanto à vontade do Noivo de viajar, transpor os horizontes do mundo que conhecia, talvez para se livrar da responsabilidade do casamento, reflete o espírito aventureiro da mocidade do século XVI. O homem viajava com a finalidade de adquirir aperfeiçoamento no ofício que aprendia do pai, obter novos conhecimentos, novas experiências, mas, depois de algum tempo, abandonava a vida livre e voltava para casa. Eram frequentes estas andanças, apesar das dificuldades - caminhos ruins, pousadas sujas, perigos e assaltos. O homem quinhentista era dominado por este espírito de curiosidade, e a vida cultural transformara-se, após os grandes e pequenos inventos de séculos anteriores que se propagavam nas cidades. Depois da invenção da bússola, dos mapas traçados pelos italianos e do surgimento das cosmografias, as descrições de viagens tornaram-se menos fantásticas, mais exatas; cresceram a ânsia de saber, o afã das viagens e a vontade de conhecer povos e terras estranhos e remotos. Nessas viagens, as classes sociais misturavam-se na vida andarilha e os obstáculos e perigos uniam os elementos dessa sociedade heterogênea.

O Noivo, certamente, manifesta vontade de partir para novos mundos, porque tem consciência de que o homem viajor e conhecedor de outras terras é mais liberal; aprende a moldar-se às circunstâncias; está mais livre de prejuízos do que aquele que não se move de casa. E apesar de ter planos formulados de viagem - "dar primeiro hũa yda fora" (v.1071) - põe-nos de lado e cede à vontade do pai, a exemplo de um bom

filho do período medieval.

Na sociedade marcadamente patriarcal da Idade Média não havia a emancipação do filho. Se este não se comportasse bem ou se rebelasse contra o poder paterno, seria expulso de casa e até mesmo deserddado.⁽¹⁾ O Auto das Regateiras retrata-nos um ambiente de amizade e as relações cordiais entre pai e filho, e, como vimos, a persistência do poder paterno da sociedade medieval.

O filho (o Noivo) ficou sob o poder do pai até que contraísse o casamento:

"Eu z ta may te criamos
ate esta ora em pōto"
(v.996-997).

E, embora fosse submisso, na hora do casamento, demonstra insatisfação com observações feitas pelo progenitor acerca do lugar onde devia ir "roçagante" e acerca da falta de gratidão dos filhos:

"que quem faz casa desfaz casa
porque lho não agradece"⁽²⁾
(v.1199-1200);

A reação do Noivo, com respostas ásperas,⁽³⁾ foge um pouco do

(1) - Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p. 108.

(2) - Mostra o adágio que, por ser grande a despesa de quem faz outra casa, desfaz a sua própria. Ao proferir este adágio, Pero Vaz está de acordo com a Velha que casar um filho ou uma filha dá muita despesa.

(3) - Cf. v.1151-1152; v.1201-1202.

retrato de homem "galante" (v.1153) e sisudo, feito por An-
drade, e de obediente, como vimos, na concepção do próprio
pai:

"falays como omẽ galante
Nam sois noiuo çapateiro
caues dir por trasfugueiro⁽¹⁾
la detras no c... de judas
por quas pessoas sesudas
ham doulhar tudo primeiro"

(v.1153-1158).

No dia do casamento, o Padrinho e os convidados dirigi-
ram-se à casa dos pais do noivo e de lá, todos juntos para a
casa dos pais da noiva,⁽²⁾ de acordo com o hábito da época.⁽³⁾

Entre os presentes fins e bons, oferecidos aos noivos ,
muitas vezes, chegavam cestas cheias de guloseimas, que ajuda-
vam a festa a se tornar mais farta. A criada Grimanesa, por e-
xemplo, chega na hora das bodas e traz uma cesta com presentes
de sua senhora:

"Manda aqui minha senõra

(1) - trasfugueiro: segundo Pimentel trata-se da "acha que es-
tá por detraz das outras na chaminé. Em algumas das nos-
sas províncias é costume, na véspera de Natal, incendiar
um madeiro, e vibrar-lhe depois martelladas, apanhando o
povo as brazas que saltam a cada pancada. Em Traz-os-Mon-
tes chama-se Trasfoqueiro ao madeiro queimado n'essa noi-
te. Qualquer das duas accepções ajusta a esta passagem :
não sois noivo para deitar a um canto, nem para marido ma-
lhadiço." (Obras do poeta Chiado, p. 87).

(2) - Cf. v.1099-1165.

(3) - Cf. Leandro Carrê Alvarellos.-O casamento nas aldeas da
Galiza. Revista de etnografia. Porto, 16, t.2:335-345 ,
abr. 1972.

que perdoe por agora
 e que sayba q̃ he sua toda
 e que pera ajuda da boda
 manda isto"

(v.1329-1333)

A exemplo do que acontecia entre os campestinos galegos, os portugueses do bairro da Alfama deviam trazer, na cesta, pão de trigo, chouriços, ovos, queijos, roscas, tortas, garrafas de vinho, licores, aguardentes e, ainda, ovelhas. (1)

Assinale-se que um dos convidados, Afonso, presenteara os noivos, e a Velha rabugenta adverte a Negra do cuidado que deveria ter com tal mimo:

" e isso que trouxe afonso
 tira passo e tem bem mão"

(v. 1217-1218).

Registram-se, no casamento, as chamadas palavras de presente, pronunciadas pelos noivos, legalmente aptos para a união: Recebo-te por minha; recebo-te por meu:

Padrinho: "dizei filha soys contente
 de casar dizei si ou não

Beatriz : si sou/pa.ora daica a mão
 e dizei presente esta gente"

 soys cõtête/no. si/pa.esta bẽ

(v.1301-1304)

(1) - Id., ibid., p. 343.

yguays estais nas vontades
 Day ca as mãos e dizei asi
 digo eu breatriz varela
 que por meu marido e amigo
 recebo a vos/joam carrigo
 tomay agora a mão dela
 e dizei como eu dizer
 digo eu lourenço coriguo
 que com vontade singela
 recebo a vos breatiz varela
 por molher"

(v.1307-1318)

As simples palavras que a santa Igreja manda pronunciar sob juramento entre os noivos, bastavam para a celebração das bodas . Na união de um homem e de uma mulher que já viviam juntos, estas indispensáveis palavras, no entanto, eram desnecessárias.

Embora o pai do noivo sugerisse a realização cerimonial na Igreja - o chamado casamento de bênção ⁽¹⁾ -, o enlace fora celebrado na casa da Velha, mãe da noiva, na presença de todos e, como vimos, conduzida pelo Padrinho que fizera a vez de sacerdote. Esta forma simples de casamento já era praticada na Idade Média portuguesa e conzinha, sobretudo, aos mais modestos, impossibilitados de pagarem a presença de um sacerdote que abençoasse a união.

Antes mesmo do século XVI, houve empenho, para que as realizações das bodas fossem nas igrejas ou às portas delas com

(1) - Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p.117.

a participação de um clérigo, presentes o povo e as testemunhas para servirem de provas a tais eventos.

Era comum, entretanto, noivos casarem-se, em segredo, principalmente entre os menos privilegiados, com a presença somente dos familiares, padrinho e testemunha. No Auto das Regateiras, dentre os mancebos despeitados por não terem sido convidados para as bodas, um deles, o Andrade, refere-se a este costume:

"vos sois o q̃ vos culpays
nam sa dir por essa guisa
he noyuo furtado a sisa⁽¹⁾
yso ou como lhe chamays"

(v. 1112-1115).

A presença do notário e o ato do contrato, em forma de partilha de bens, foram dispensados por se tratar de gente modesta; os parcos haveres dos noivos já tinham sido declarados pelos pais, por ocasião do acerto do casamento.

A exemplo do que acontecia entre camponeses da Galízia, país vizinho de Portugal, o povo português, além da forma de casamento como é praticada na peça do Chiado, contraía-o por amor, união que era consequência dos laços de afeto criados nos frequentes encontros de festas, principalmente, paroquiais, feiras e romarias.⁽²⁾ Nesse caso, era o noivo quem falava com os pais da noiva, pedia a mão da futura esposa, mencionava o seu

(1) - "he noyuo furtado a sisa" v. 1114; equivale a: é noivo às escondidas, como o que se furta ao imposto.

(2) - Leandro Carrê Alvarellós, O casamento nas aldeas da Galiza. Revista de etnografia, p. 335-345.

dote e, só posteriormente, é que havia um entendimento entre os pais de ambos.

Na cena do casamento, a Comadre lembra o uso de deitar trigo sobre a cabeça dos desposados e, simultaneamente, vem à sua memória a cantiga sarcástica ao noivo feliz. Ao costume tradicional de lançar trigo sobre os noivos, conservado ainda em algumas aldeias portuguesas, Pimentel atribui sobrevivência da simbolização do trigo, como iniciação doméstica da noiva no lar, existente no casamento grego e romano: (1)

"q fazeis deitalho trigo
 quis deos q̃ fostes casados
 pera que sam mais trapaças
 alçay as mãos day lhe graças
 filhos seyays bẽ logrados
 ela moça / e ele moço
 bem se forã ajuntar"

(v.1319-1325).

Essa prática também é lembrada por Gil Vicente na Farsa de Inês Pereira. (2)

A propósito da cantiga obscena, cantada pela Comadre, o Dr. Francisco de Moçon, ao falar da música do povo, na sua obra Espejo del Príncipe Cristiano, refere-se ao gênero de canções sujas, que ferem o pudor, cantadas em bodas por chocarreiros, e

(1) - Obras do poeta Chiado, p. 92,

(2) - Lianor: "Ora day-me essas mãos, cá:/sabeis as palavras , si?/Pero: Ensinaram-mas a mi/perém esqueceram-me ja. /Lianor: Ora dizey como eu digo./Pero: E tendes vós aqui trigo/pera nos geytar por riba?" (Pimpão, p.44).

que faziam brincadeiras prejudiciais à boa fama e virtude dos homens. (1) A Comadre, que nos surpreende, no final do Auto, ao revelar-se maliciosa, faceta até então desconhecida por nós, canta - "deitem o noyuo no poço/se com a noyua não brincar" - certamente, um trecho de uma dessas canções que deviam andar de boda em boda.

O casamento realizado no Auto das Regateiras - o acordo entre duas partes - comemorado com um jantar alegre, a pressupor os prazeres recônditos do casamento, terminou, em canção, como vimos, e em danças, conforme os demais banquetes de bodas e festins, realizados no século XVI. Assinale-se que, além da canção, a dança, outra forma de expressão da vida popular, que tivera nos séculos anteriores a sua importância, não somente como manifestação religiosa no coro e ao redor dos altares, mas também na elaboração de vários gêneros literários, valorizou e deu maior recreação à festa de bodas do Auto das Regateiras. (2)

Os noivos, pais e convivas, personagens tiradas do povo lisboeta de meados do século XVI, à maneira jogralesca, dançaram "tres por tres de cada parte", cantaram, atravessaram as misteriosas fronteiras da imaginação, através da alegria contagiante; animaram com pormenores festivos a última cena do Auto, que termina com dança, canto e consoada, conforme a praxe.

(1) - Apud Teófilo Braga, Eschola de Gil Vicente, p.113.

(2) - Gustavo Cohen lembra que muitos termos da poesia lírica se referem à dança: a balada, no século XIII (baler), o rondel (ronde); "virelai" (virer). (La grande clarté du Moyen Âge. Paris, Gallimard, 1967, p. 25).

Importa lembrarmos, aqui, que a dança, o canto e a música, elementos de beleza das festas populares, a exemplo de séculos anteriores, continuavam, nos anos de Quinhentos, a ser os principais folguedos.⁽¹⁾ Os homens sentiam necessidade de divertimentos coletivos (festas) porque dispunham de escassos meios de distração; o prazer de caráter elevado era inacessível; o livro, por exemplo, caríssimo, e a arte, rara. Por outro lado, os próprios campos, cheios de perigos, dificultavam-lhes a busca de divertimentos na natureza.⁽²⁾ Acrescentasse, ainda, que a forte e opressora miséria do dia-a-dia tornava os homens pessimistas e, se não procurassem nessas festas coletivas a afirmação da existência, sentiriam a vida insupportável.

Para o banquete, não se esquece o Autor de expor aos olhos do público os petiscos e doces. Além dos patos, coelhos, leitões e galinhas que, sacrificados para o festim, seriam preparados pela Negra:

Velha: z diz aquese cadelão
 que trabalhe z ã sasente
 z mais dizelhe que aquente
 agoa pera esse leitão
 que depene essas galinhas
 z os patos z os coelhos"

(v.957-962),

a Velha serveria os fartens, os bolos de rodilha,⁽³⁾ o fri-

(1) - Cf. Valdemar Vedel, Ideales culturales de la Edad Media. La vida en las ciudades, III, p. 139.

(2) - Cf. Johan Huizinga, O declínio da Idade Média, p. 259.

(3) - bolos de rodilha: "bolo confeitado" (Cf. Cl. Berardi - nelli & R. Menegaz, Autos de Antonio Ribeiro Chiado, p.156.

to, (1) as gergiladas, (2) as trutas, as frutas das martes (3) e muito vinho. (4) Os homens gulosos e bons apreciadores de vinho, limitados pelo meio ambiente, desenvolviam o sentido do prazer das libações enquanto as suas vidas transcorriam e exerciam seus ofícios. Lembremos que os próprios reis eram apreciadores do vinho e tinham o gosto de bebê-lo, acompanhando-o de frutas. (5)

A idéia, portanto, de que a comida e a bebida são essenciais para a festa, aparece no Auto:

Velha: "Não se bula aqui ninguém
 não he festa sem comer
 e o ho comer he o prazer
 e o prazerdaquisto vem"

(v.1348-1351)

.....

"Ora sus de mano en mano
 lançai mão e bebereis"

(v.1357-1358)

Pero : "peça quẽ quiser o vinho"

(v. 1371).

Portugal sempre fora terra de muito vinho e a cultura

-
- (1) - frito: "filhó, coscorão" (Id., ibid., loc. cit.),
 (2) - gergiladas: (v. 941) gergilada, "bolo de farinha com calda de assucar e gergelim" (Pimentel, Obras do poeta Chiado, p.80).
 (3) - Pimentel nos esclarece que na arcaria do Hospital de todos os Santos, no Rocio, todas as terças havia feiras. As pessoas vendiam ali os mais variados víveres e alimentos: queijos frescos, frutas, peixes, etc. (Id., Ibid., loc. cit.).
 (4) - Cf. v. 938-955.
 (5) - Cf. Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p.14.

da preciosa bebida ocupa lugar de destaque na economia do País. Se o mitológico Baco, o deus grego do vinho, efetuava suas viagens a exibir-se alegremente em danças ao som de flautas e tambores, a ensinar aos agricultores a maneira de plantar a videira e transformar em vinho o sumo da uva, deve ter passado também pelas terras de Portugal. A cultura do vinho, conhecida por quase todos os povos antigos, teve em Portugal o seu grande representante.

O Auto das Regateiras, riquíssimo retrato dos costumes da época não podia deixar de trazer a última cena, com toda a alegria e movimentação das festas, as quais o vinho comparece. O nosso Autor quinhentista "bargante nonno Chiado",⁽¹⁾ acusado de beberrão pelo seu inimigo, Afonso Alvares, devia conhecer e muito bem as boas qualidades desse precioso néctar - dissipador das tristezas, proporcionador de bom entendimento e aguçador de inteligência:

"Etu queres ser rufião
e beber como francez"⁽²⁾

Portugal já produzia, na época em que o Auto foi escrito, os mais variados vinhos. Exportava para todo o norte da Europa os palhetes de cor rosada (leve como uma palhinha) que eram famosos além-fronteiras; há quatrocentos anos, o vinho já

(1) - Pimentel, op. cit., p.200. Segundo o Crítico, nonno é religioso.

(2) - Id., ibid, p.181. A comparação "beber como francez" faz-nos pensar nos maiores cuidados que os franceses dispõem aos vinhedos na França. Há quem considere o vinho francês o primeiro do mundo, não só em quantidade mas, sobretudo, em qualidade. Albino Forjaz de Sampaio é um deles. (Apud Eurico Gama, - In vino veritas. Revista de etnografia. Porto, 13, t.2: 276, out. 1969.

levava o nome de seu país mundo afora. Fonte de economia nacional, no século XIV, época de D. Afonso IV, o País recebera 1.200 dobras anuais de imposto sobre esta bebida.⁽¹⁾

Chiado, grande apreciador do vinho, entoou versos em louvor do néctar precioso, também, na Prática dos Compadres.⁽²⁾ Outros escritores, no entanto, fizeram referências ao vinho. Um Anrique da Mota, por exemplo, lamenta a um clérigo por se lhetter entornado pelo "chã" uma pipa de vinho.⁽³⁾

E muitos deviam ser os que ficavam sem a roupa do corpo por causa da preciosa bebida. Maria Parada, figura feminina da riquíssima galeria vicentina, é uma delas. O divino néctar estava caro e ela não podia viver sem ele.⁽⁴⁾

Não faltou, em Portugal, entretanto, quem procurasse controlar os abusos do vinho. O Rei D. Duarte, no Leal Conselheiro, ao discorrer sobre o pecado da gula, não se esquece do vinho e aconselha: "oo jantar e aa cea beber duas ou tres vezes ao mais, e hũa despois de cear sollamente me parece razoada regra, e quem esta poder scusar em muytos casos presta muyto, e se beber, seja per boo spaço ante que durma".⁽⁵⁾

Antonio Ribeiro Chiado, artista observador das costumesiras do povo, fixou, portanto, com autenticidade e realismo, a simpleza da celebração do casamento com suas tradições.

(1) - Id., ibid., 281.

(2) - Fernão: "Viestes á conjunção,/a melhor que nunca vi,/que haveis de provar aqui/este vinho de Monção./Compadre: Elle é tal?/Vasco:O melhor de Portugal!" (Pimentel,op.cit., p.130-131.)

(3) - Garcia de Resende-Cancioneiro Geral. Imprensa da Universidade de Coimbra (1917) V,p.195-196.

(4) - "carpi-vos,beyços coyados/que já lá vam meus toucados,/e a cinta e a fraldilha,/ontem bebi a mantilha/que me custou dous cruzados!" (Pimpão, p.512.)

(5) - p. 128.

Viviam, aliás, os portugueses quinhentistas a existência, segundo o estabelecido pelos velhos costumes e antigas tradições. Com as comadres faladeiras, quando discorrem sobre os mais variados assuntos, favorecidas pela volubilidade bem feminina, é que, no Auto, transparece o papel da mulher, na casa e na sociedade: sua virtude não estava em ser passiva, mas na luta que empreendia, cotidianamente, pela sobrevivência.

Na cena do animado diálogo entre as duas comadres, a conversa sucede-se com vivacidade. Iniciada com as doenças que as maltratam, é seguida das mezinhas experimentadas e aconselhadas, de que são, é bom que se diga, bastante entendidas. O Autor enseja às comadres falarem das aperturas da vida e aproveitarem ainda a deixa para criticar, veementemente, o rei em virtude da baixa da moeda; donas de casa laboriosas, informam-nos também sobre os tecidos que ambas, peritas, fiam para vender - - trabalho que estava a cargo da mulher, em casa, na época - e acusam ainda a corrupção dos que com elas negociam, porque são "ladrões aeyto". Nessa longa e interminável conversa que provoca o riso, as ativas participantes da vida alheia criticam também as vizinhas do bairro, exploradoras e desavergonhadas, e, bastante maledicentes, referem-se ainda ao noivo de Beatriz, que, na opinião da Velha, será bom genro por ser tolo e rico. Elas, versadas em espécies e propriedades do trigo, não se detêm aí; dão-nos extensa lição da arte de amassar.

É oportuno observar, aqui, a propósito da esgrima verbal das comadres, que o cômico de costumes foi modestamente tentado pelo Autor, através da sátira meros violenta e mais cautelosa que a de Gil Vicente; Chiado, entretanto, despede-a, cer

teira, aos médicos, às bonejas, aos comerciantes desonestos e ao rei.

Além disso, não obstante utilize situações já exploradas, como as conversas de comadres, cheias de lamúrias e maledicência, empresta às cenas outro colorido, de tal forma que as regateiras do Auto parecem criação sua. Com mãos de artista, descreve as mulheres a cuidarem do fabrico do pão, e a Velha, mais habilidosa e experiente, ensina à Comadre os ingredientes e a maneira de amassá-lo, com determinado tipo de trigo que tem "joyo". Por intermédio da Velha, ficamos sabendo, então, que o trigo alvo de Bordeos⁽¹⁾ que saiu "todo borneiro",⁽²⁾ necessita secar-se ao sol, bem como estar muito misturado senão "peguase todo ao bragal". Para amassar o pão, deixa bastante claro ser necessário, primeiramente, colocar água morna no fermento - "crecente" - e juntar depois a farinha. Esclarece que a massa, depois de sovada, descansa no alguidar; desse modo, a Velha faz um "pão de rosas" com o trigo que é "sujozinho".

A Comadre, por seu lado, queixa-se do tal trigo, que precisa sercar-se primeiro, porque leva muita água e é difícil de amassar. Ficamos sabendo, ainda, que o trigo, com aveia e "lingela"⁽³⁾ é bom para fazer boleimas de Castela.

(1) - Cf. v. 393-394.

(2) - "O trigo moído com a borneira, pedra negra da mó" (Pimentel, Obras do poeta Chiado, p. 63).

(3) - "Chiado escreveu lingella talvez pelo mesmo motivo por que escreveu alfava: para dar a estas palavras a pronúncia incorreta que ellas teriam na bôcca do povo. Não é lingella, mas nigella (Brotero e Dorvault); só na História das plantas da Europa, por Vigier, encontramos ningella em vez de nigella. É a flor de Santa Catharina. Ha a nigella ordinaria (nigelia sativa) e a nigella dos alqueives (nigella arvensis". (Id., ibid., loc. cit.)

O pão de trigo juntamente com o vinho e a carne foram, no século XVI, os alimentos fundamentais da nutrição. Observa-se, contudo, que a técnica culinária, rudimentar da época, não oferecia muito em qualidade.

Outros pormenores de vida portuguesa registra o Auto. O lar alfamista aparece nitidamente alfaiado; e, através do realismo descritivo que assume grande importância, podemos recompor um protótipo de casa modesta, com suas divisões e objetos, onde o dramaturgo anota as mais prosaicas cenas do convívio doméstico. Chiado, com uma descrição concreta do espaço, pinta o cenário; descreve a casa com suas alfaias domésticas, com o escasso mobiliário a ocupar o pequeno espaço do seu interior.

A casa apresenta, como vimos, pouca divisão (sala, quarto e cozinha); isola, porém, as pessoas que se preparam, no quarto, para a festa de casamento, das demais que se encontram na sala. Não é, portanto, uma casa com uma divisão única, com lareira, no centro, comum às moradias mais modestas.

No quarto, a arca, importante peça no conjunto do mobiliário doméstico, guardava as roupas de casa, as peças da indumentária e os adornos: os lenções de ruão, os de estopa e os de linho delgado, os cobertores, os bragais de cingir, as mantilhas, as saias de cóis de veludo dos dias de festa, as fraldilhes e as polainas.

Do outro lado do quarto, além da cama com o enxergão, o colchão e o cabeçal, há uma mesa e sobre ela o castiçal e a caixinha - "rodelinha" - onde se acham o "estoraque"-os anéis, o cordão com o bonzo e ainda as manilhas e arriéis. É também,

(I) - Oliveira Marques, A sociedade medieval port., p.64-65.

no quarto, que se encontram a dobadoura, os tanhos e o cabaz com as meadas. Na sala, entretanto, há poucas cadeiras .

Na cozinha, possivelmente, ao lado da casa, além da taceira, um tipo de guarda -louça, em uso na época, encontram-se, também, os utensílios domésticos indispensáveis: os açafates, os potes, as almofias, o pote de aletria, as bacias de fartens, o gral e sua mão (manlisa), os alguidares para as massas, a gamela para a carne, os pratos de Flandres, as porcelanas pintadas, e as bacias de pisa.⁽¹⁾ No século XVI, as donas de casa tinham em conta as exigências da higiene. A Velha, por exemplo, quer tudo brilhando como espelho e põe a filha e a escrava numa roda viva.

Mas, ao lado dessa enumeração dos hábitos e costumes portugueses, é bom que se diga que não faltou ao Auto das Regateiras um dos elementos necessários aos textos de teatro: o movimento; e, como conjunto de cenas de vida urbana, fixou dados e atitudes características.

Chiado deve ser apreciado pelo que criou, pelo modo de tratar a matéria que o interessava - a gente modesta do bairro da Alfama. Curioso das vidas humanas e extremamente realista, descartou a alegoria como apoio de uma concepção moral ou moralista do universo. Reproduziu a vida cenicamente, sem sutilezas e continuou a tradição de um teatro popular iniciado por Gil Vicente.

(1) - Segundo Viterbo, tomava o nome de bacias de pisa, antigamente, qualquer vaso de boca larga. Diferenciava das bacias que eram de mais bojo e fundas. (Elucidário. v. 2, p. 11).

Considerações Finais

O nosso Autor fora um clérigo de má conduta, pobre e de estudos incompletos - um goliardo ou vagante - que teve o mesmo caminho dos jograis. Muitas são as anedotas e os chistes que passam de boca em boca acerca deste homem de vida dissoluta. (1) Libertino, ao anular os votos, saiu da ordem e frequentou os centros de prazer equívoco, vestido em hábito franciscano. (2) Um figurão completo, perfeitamente integrado no meio urbano e cosmopolita da Lisboa dos anos de Quinhentos.

A ignorância quanto ao que em vida, lhe sucedeu - não sabemos ao certo quando nasceu Chiado, onde viveu e em que data morreu - corresponde o desconhecimento das circunstâncias da criação e composição da peça, o Auto das Regateiras. Os dados, que temos a respeito da vida e da obra, tratam, quase, tão somente de hipóteses formuladas nas alusões a fatos conhecidos, colhidas em sua composição, que só aproximadamente podemos estabelecer.

O Auto das Regateiras, escrito no século XVI, não traz reflexos da nova forma de expressão do Renascimento. Caminhou o Autor para a frente com os olhos voltados para o passado, ao se basear numa tradição, sem pretensão de ser inovador. Posteriormente a Gil Vicente, conheceu a técnica, os motivos e os assuntos de suas peças. O nosso Autor, entretanto, viveu nos meados dos anos de Quinhentos e nada renovou; continuou e perpetuou as tradições da Idade Média, que sobrevivem em sua peça.

(1) - Cf. Conde de Sabugosa - Auto da natural invenção, obra desconhecida com uma explicação prévia pelo... Lisboa, Livr. Ferreira, 1917, p. 12-14.

(2) - Id., ibid., p. 8.

As representações teatrais para os cidadãos quinhentistas eram a forma artística social por excelência. Os espetáculos, principalmente, populares, num período trágico da história portuguesa, são justificados pela necessidade de prazeres que o povo sentia: o riso era uma arma contra a doença, a fome, a miséria e a morte. Era preciso que a ironia vingasse e protegesse os homens contra o mau destino.

Em muitos aspectos, persistem, no Auto das Regateiras, certas tendências do espírito e dos costumes medievais trazidos pela aguda observação do Autor; é, então que se espelha o retrato moral da população do movimentado bairro lisboeta, razão pela qual não podemos compreender a peça sem inseri-la no contexto social ou sem observar a sociedade que nela se movimenta. Afirma-se, por isso, uma obra moderna, se entendermos, como Badel, que moderna é toda a representação que observa o real cotidiano. (1)

Chiado prende-se à manifestação externa das coisas, não prescruta o íntimo das personagens, cujo relacionamento representa a vida do dia-a-dia do Portugal do século XVI. Por ter o dramaturgo vivido entre o povo e conhecido os costumes populares, aos tipos, ainda que tradicionais, deu vida e colorido, ao recriá-los.

O cenário do Auto tem por motivo a vida urbana; e, na constante descrição do ambiente familiar das cenas domésticas, reside o encanto da peça e a sua verossimilhança. Chiado des-

(1) - Pierre Ives Badel, Introduction à la vie Littéraire du Moyen Âge, p. 200.

creve com realismo a casa modesta da regateira onde se passa a ação e fotografa, com intimidade, o seu modesto interior. Mas, são os diálogos maledicentes que emprestam ao Auto a sua maior vivacidade: afinal, é por intermédio deles, que o Autor satiriza os comerciantes, o rei, os médicos e os aplicadores de mezinhas, todos aqueles que viviam à sombra do povo explorado.

É importante que se assinale, a esta altura, o destaque que, na peça, assumem as personagens femininas, representação sem dúvida, da vida popular e portuguesa: as regateiras participam de tudo o que ocorre ao redor, lutam pela sobrevivência, são entendidas na arte de amassar, fiar e vendem os tecidos, além da prática da indefectível maledicência.

Chiado, verdadeiro pícaro, tem uma visão deliberadamente restrita da sociedade e só deste aspecto pode ser considerado.

Não tem sentido compará-lo a Gil Vicente como até agora se fez. Pimentel, por exemplo, que estuda com carinho, a obra do Chiado, diminui seu valor ao admitir que somente o aspecto cômico justifica a fama do poeta a quem atribui afinidades com Gil Vicente: "Todavia, a nosso juízo, é lhe muito inferior não só em fecundidade como na traça das composições. Em veia cômica Chiado e Gil Vicente não se distanciam muito".⁽¹⁾ Verifica que a galeria de personagens de Chiado é estreita, ao passo que a do mestre Gil varia largamente de caracteres. Percebe que o fundador do teatro português se ocupa de assuntos da história política, enquanto Chiado se limi-

(1) - Obras do poeta Chiado, p. XLI.

ta a ligeiras alusões. E, embora chegue à conclusão de que Gil Vicente "é o centro de um systema dramático, de que Chiado é um dos satellytes, aliás dos mais distintos"⁽¹⁾, tais fatos não são indícios de um conceito estético, principalmente, por se tratar de um autor conhecido tão somente por quatro peças. Mais certo e lógico é considerar cada poeta pela sua capacidade de imaginação e de invenção, consequência de sua individualidade e circunstâncias históricas.

A crítica Carolina Michaëlis de Vasconcelos que acha Gil Vicente o único gênio verdadeiramente dramático de Portugal,⁽²⁾ não teve dúvida em considerar Antonio Ribeiro Chiado de relativa fecundidade,⁽³⁾ poeta de "graça plebeia e chorume de discreto e natural".⁽⁴⁾

Chiado, poeta popular e de talento, cuja obra em versos heptassílabos, atingia por certo um público à cata de divertimento, maneja a linguagem com irreverência e faz do comportamento e da indumentária de suas personagens, recursos para fixar, gostosamente, cenas domésticas e da vida urbana. Em resumo, compôs um retrato vivo de uma população modesta, uma reconstrução fiel dos costumes e dos hábitos de um dos bairros mais populares de Portugal.

(1) - Ibid., p. XLII.

(2) - Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina, p. 111.

(3) - Ibid., p. 39.

(4) - Ibid., p. 120.

B I B L I O G R A F I A

- ALVARELLOS, Leandro Carrê -- O casamento nas aldeas da Galiza.
Revista de etnografia. Porto. 16, t.2:335-345, abr.1972.
- BADEL, Pierre Yves-- Introduction à la vie litteraire du Moyen Âge. [Paris] Bordas Mouton (1969)
- BATALHA, Ladislau -- História geral dos adágios portugueses, com um estudo preambular de Agostinho Fortes. Paris - Lisboa , Aillaud & Bertrand, 1924.
- BERARDINELLI, Cleonice & MENEGAZ, Ronaldo -- Autos de Antonio Ribeiro Chiado. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1968.
- BRAGA, Theophilo -- Eschola de Gil Vicente e desenvolvimento do theatro nacional. Porto, Chardron, 1898.
- CHIADO, Antonio Ribeiro -- Obras do poeta Chiado, colligidas, annotadas e prefaciadas por Alberto Pimentel. Lisboa, Empreza Literaria de Lisboa, 1889.
- Auto da natural invenção, obra desconhecida, com uma explicação prévia pelo Conde de Sabugosa. Lisboa, Livr. Ferreira , 1915.
- COHEN, Gustave -- La grande clarté du Moyen Âge. (France) Gallimard (1967)
- CORREIA, Antonio Mendes et alii -- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira, sob a direção de ... Lisboa - Rio de Janeiro , Editorial Enciclopédia (s.d.)
- DELICADO, Antonio -- Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns. Nova ed. rev. e prefaciada por Luís Chaves. Lisboa, Livr. Universal, 1923.
- DDN DUARTE -- Leal conselheiro, ed. crit. e anot. org. por Joseph

- M. Piel. Lisboa, Bertrand, 1942.
- FRÈCHES, Claude Henri -- Le théâtre néo-latin au Portugal (1550-1746) Paris, Nizet, 1964.
- GAMA, Eurico -- In vino veritas. Revista de Etnografia. Porto, 13, t.2:257-303, out. 1969.
- GARCIA, Luís de Castro -- Medicina popular: donde están las enfermedades están sus remedios. Revista de Etnografia. Porto, 12, t. 2: 379-397, abr. 1969.
- HERCULANO, Alexandre -- O monge de Cister. Lisboa, Imprensa Nacional, 1848. 2 v.
- HUIZINGA, Johan -- O declínio da Idade Média. Tradução de Augusto Abelaira. Lisboa - Rio de Janeiro, Ulisseia [s.d.]
- JURUMENHA, Visconde de-- Camões: OBRAS. Lisboa, Imprensa Nacional, 1860. v. 5.
- LAPA, Manuel Rodrigues -- Lições de literatura portuguesa. 7.ed. rev. Coimbra Ed., 1970.
- MACHADO, Diogo Barbosa -- Bibliotheca lusitana historica, critica e cronologica. Lisboa, Occidental, 1741-1759. 4 v.
- MACHADO, José Pedro -- Dicionário etimológico da língua portuguesa. [Lisboa] Editorial Confluência, 1956-1959.
- MAGALHÃES Jr, R. -- Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos. Rio de Janeiro, Ed. Documentário [1974]
- MARÇAL, Horácio -- Doçaria monástica, regional e popular da área distrital do Porto. Revista de Etnografia. Porto, 14, 1:83-117, jan. 1970.

- MARQUES, A.H. de Oliveira -- A sociedade medieval portuguesa.
2.ed. Lisboa, Sá da Costa [1971]
- MARTINS, Oliveira -- Historia de Portugal. 16. ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1972.
- NUNES, José Joaquim -- Compêndio de gramática histórica portuguesa. 7.ed. Lisboa, Livr. Clássica Editora [1969]
- Ordenações do senhor rey D.Affonso V. Coimbra. Real Imprensa da Universidade, 1792.
- Ordenações do senhor rey D. Manuel. Coimbra. Real Imprensa da Universidade, 1797.
- PICCHIO, Luciana Stegagno -- História do teatro português. Lisboa, Portugalia Ed. [1969]
- RESENDE, Garcia de -- Cancioneiro geral. Prep. por A.J. Gonçalves Guimarães. Coimbra, Imprensa da Universidade [1917] v. I, V.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha -- O poeta Chiado. O Panorama. Lisboa, 4(190):406-407; dez. 1840.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de -- História da literatura portuguesa ilustrada, publicada sob a direção de... Paris - Lisboa, Aillaud & Bertrand [1930] v.II.
- SERRÃO, Joel -- Dicionário de história de Portugal, dir. por... Porto, Iniciativas Editoriais, 1971. 4 v.
- SILVA, Antonio de Moraes -- Grande dicionário da língua portuguesa. 10 ed. rev. cor. aum. e atualizada, por Augusto Moreno et alli. Lisboa, Editorial Confluência [1951] 12 v.
- SILVA, Innocência Francisco da, e continuadores, Pedro V. de Brito Aranha, Gomes de Brito e Alvares Neves -- Diccionario bibliogra-

phico português. Lisboa, Imprensa Nacional, 1958 - 1923.22 v. um volume de índices, Publicação do Departamento de Cultura. Coimbra, 1938.

SPINA, Segismundo -- Manual de versificação românica medieval. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1971.

- Iniciação na cultura literaria medieval. Rio de Janeiro, Grifo, 1973.

TEYSSIER, Paul -- La langue de Gil Vicente. Paris, Klincksieck, 1959.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de -- Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina, edicion facsímil con una introd.de... Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1922.

VASCONCELOS, J. Leite de -- Etnografia portuguesa. Imprensa Nacional de Lisboa, 1936. v. 2.

VASCONCELOS, Jorge, Ferreira de -- Comédia Aulegrafia, agora novamente impressa. Lisboa, Pedro Craesbeeck. 1619.

VEDEL, Valdemar-- Ideales culturales de la Edad Media. La vida en las ciudades. Adapt. del danés por Jaime Ruiz Manent. 2. ed. rev., Barcelona, Labor, 1947. v.3.

- Ideales culturales de la Edad Medea. La vida monástica. 2. ed., Barcelona, Labor, 1948. v. 4.

VELLOSO, J. M. de Queiroz -- História política. História de Portugal. Ed. Monumental, dir. por Damião Peres e Eleutério Cerdeira, Barcelos, Portucalense Ed., 1933. v. 5, p. 7-286.

VICENTE, Gil -- Obras completas, coord. do texto, introd. notas e glos de Alvaro Júlio da Costa Pimpão. Barcelos, Ed. Minho (1956)

- Obras Completas. 4. ed. Pref. e notas de Marques Braga, Lisboa,

Sá da Costa [1968] v. 1, 2, 5; [1971] v. 3, 4; 3.ed. (1968) v.6.

- Obras-primas do teatro vicentino, edição organizada, prefaciada e comentada pelo prof. Segismundo Spina. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de -- Elucidário das palavras, termos e frases. Ed. Crítica por Mário Fiúza, Porto - Lisboa, Livr. Civilização [1966] 2 v.

Carta.



Dertuoso auditorio: e nam se va rir / porque
lança homem mão por vilbices que não fazem
mays a proposito que que digamos pondelbe
vos la o nome / por q quem faz a casa na praça
cada bñ rema pera sua openiã como que escre-
ue em parede por cujo respeyto passa asi. O autor. Como
couza que em todas as suas vos deseja servir vos pede / e
essirequere da parte de vossas discrições e a hõrra de seu
trabalho queyrã ouuir esta breue colação fundada no apro-
pimento de diuersas tenções que nesta congregação esta-
rão porque ja sabeys cada bñ he filho de seu pay / e muitas
vezes facontece. terem alguns os entendimentos tam ferue-
ntos q se pera lbe cbegarem ao viuo nam podera ser sem
escandalo de quem no entende. E aqui meçarro e porque
nesta pratica se tratam passos que se ouuiraõ / e não verãõ
lhes pede aqueyrã ouuir como he rezã / e dos tays se
pera cujas mãos mil vezes beyso etc.

velha. E Briatiz ba belarriz
Briatiz. senhora
ve. inda dormes não se cre-
ygue tóra. b. pera que
ve. pera nada
br. ja qui somos que vos fiz
eu nunca tal molber vi
sey quey dir colber amozes
ve. erguer erguer as mas oras
e vos respondes me assi.
vos aues mister esporas
Que deloutro cadelaõ /
sey quinda se não levanta
cadela / ne. seora
ve. qreys q vos va tira la mata
ne. críaley sam / críteley sam
fato bicero nomen tuu
ve. olbade a pele no cuiu
agora lbe chegou la denação
ne. Al mi catibaro judeu
nã quere ca mim raza
ve. e ela responde me ja
guardaiuos nã vos tomeu
ne. a mim fruga boso mata
boso sempre brada brada
cadela / cadela / cadela
bende me pera castela
ve. nunca to olho vera
a vos vos porãõ na seta
Luidais cadela que zombo
porque não me tens amor
cu vos darey a senhor
que vos ponha o papão lobo
e quicais seres pior
queria vos oje a balar
que madrugada dalfama
cadela e encina cama
vos pondez vos a rezar
nãõ vyra por ti maã trãã
ne. Al bala sempre sa grãã

ve. buy que diz ela / que diz
bre. diz q palraço como gralha
ve. cadela tomay essa talba
e yde logo o cbarriz
e leuay com vosco ho asento
ou nã vos lembre de tomar
quinda baues de piscir
e fazer oje bo formento
ques te tu oje a balar
ne. Al mi não cababess
ve. leuay os fatos a rojo
ouusco vos faz aros nojo
cadela ques yz por bñ
o vosso palrar be de pégua
vos prouares ho toucinho
cada bñ va per seu caminbo
que não pario aqui a galga
E faz que vai dar na negra
e vem cõ sua filha e diz
Comisto esta concertado
que prãzer e que frescura
tal seja tua ventura
em que trazes ho cuidado
feito be ja nãõ tãõ cura
bre. vos tendes muita rezã
vedes muito a desarrããõ
leuays me vida dos amozes
e dais me inda payrã
ve. E que vida leyo cu
amdar emhora e ter bem
bre. rãdes vos em casa alguem
que vos sirua senãõ cu
ve. e como ora bñõ tem
negro seruiço he ho ten
br. Eu não vos posso estender
ve. malina que se mata
bre. mas que de vos escapãõ
põis tãõ maã lãõ de lo
ve. aie que uõõ menforcaie

bre. Eu lavar z esfregar
varer z esfolinar
z por dar-me ca aquela palha
ve. z tu fazes nem galha
se não comer z folgar
z palhares como galha
z lingua não na vão buscar
milho z a frades nã a roma
mas bo ensino que la toma
algũ no a damargar
bre. Seo amargar saji contete
mas não ey deste vasoira
ve. traze maqui a debadoura
z bú ranho em que masente
acabay colher mexedoyra
z pondelbe la bú meada
queita dentro no cabaz
seinda estiner em pas
que aqui não esta qdo nada
o rabear quela faz
Señor dame paciẽcia
certo nã he pera crer
quem te em casa ouuer de ter
tera sua consciẽcia
danada sete soffrer
bre. nã ficão la mais meadas
ve. ficarão as que vos fiastes
que ma ora quã ficastes
guardade pera tais fadas
pois tam cedo madrugastes
Gay ver quẽ bate ali
dize que não estou caa
cassi bate quem sera
co. minha comadre esta bñ
ve. abre que minha comadre
na fala vos corbeci
co. deos vos salue
ve. comadre venbaio embora
donde he a vinda agora
co. leuey a voso compadre

de comer cada bñ fora
E ando asi não sey quejanda
ve. que mal foy esse ranho
assentauos neste ranho
isso he andago quando
co. não sey que he nã que não
mas deit a negra eprenhidão
ando assi pera morir
comadre não tão molber
ve. benga vos deos
co. ay ay não me ponbaio a mão
que bo não posso soffrer
ve. quanto a quasi andays
co. desda entrada dagosto
ve. não tendes pano no rosto
co. vay em qtro meles no mais
ja ey de mudar do posto
ve. eu a quatro dia quera
desposta rija bú lião
z agora a esta parão
me tornou bú pão de cera
co. isso he do coração
bebe de a lingua ceruina
vereys como vos achais
ve. tudo isso he por demaia
isso he minha mofina
por aqui me metem punbaio
co. eu de tomar qualqr carga
aqui macode a doenca
ve. pois comadre isso he criãça
que se vos meten aylbarga
co. Eu cõsa que coma me psta
z assi não posso comer
ve. moço vay tu emfonder
fomeste a oulbar como besta
nã tendes nada que fazer
todo bo mal em mi senserra
por aqui me dão ao ferrolbo
que o peso çarrar olbo
grit o ceo grito em terra

Esobesse ma madre ao pelto
que me nã conbeceres
co. defumay vos cos papes
que fazem muito proueyto
z vos me nomeares
ou tomai caldos de formento
z purgares destes lugares
ve. tenho ja coalbado os mares
cõ mezinhas tudo he vento
Trouxe cengido ou bragal
bibi dez manhas anorça
comadre nada messorça
mas antes do bro meu mal
pus ja alfaua da cobra
z o ovo cõ ha alfazema
ma; comadre isto he postema
pois a mezinha não obra
isto tenho ja por prema
co. E ando asi tão pejada
com estes negras doças
ve. vos trazes duas crienças
com eu estou aqui assentada
z vos comadre aues mister
muitos mimos a meude
co. queria ter mais saude
ve. pois fazey vos por viuer
co. comadre eu vos direy
ja não me preitão mezinhas
ay pernas q não soys minbas
cadeiras que vos farey
ve. comadre vos parires
z o corpo descansara
co. mas quero mir que tardo ja
ve. estay logo vos pres
co. a muito questou ja qua
ve. E meu compadre
anda agora ajornalado
co. anda e búia negra epreitada
negra foy z espezubada
que tudo temos gaitado

quisso me tem enterrada
tomou búia obra de pragua
z meteo officais
z gaitamos que falsos
quando vejo a negra paga
ouue búis quatro mil reais
Então pagão lhe cõ parola
palaurinhas de pinceos
ve. não falta a merce de deos
sempre acode cõ búia esmola
co. assaja eu vosa benção
como vendi meus aneyos
manilhas z orieys
sem me ficar vn tostam
nem ceitil
ve. comadre amí bo dizes
Perdoe os que foy vender
búia taça de bastiães
por dar de comer a caes
que cuidey de nsoudecer
z mais coa ganhos dagora
bem vedes q ja andos sam
co. tudo vay em perdição
oje mal cras empeora
como diz la no risão
ve. Ludo vay fora da estrada
bem no vejo z bẽ no sey
co. z mais cõ esta y da delrey
nã a dauer venda nada
ve. comadre eu vos direy
ficomẽna neste inferno
co. muitas vezes cuydo em ym
que se vay almeyrim
búrey meado inuerno
ve. a fazer rico escoroupin
co. Disso so me fiea magna
nunca he contente a pessoa
búrey questou a en litboa
assi como peire nagoa
mas vos veredes o que son
a fit

comadre manso o dizers
mas sam vontades de reis
que quereys que lhe facamos
como dizem lauan leys
co. Isso he estopa ou linho
ve. linho/ co. como he delgado
nam faço ey este fiado
mal pecado
ja vou per outro cominho
ja os meus nebrós tamacos
viuo assi por marauilha
eu fiey ja bianilha
que dey por seis cêto brancos
z de que comprey fraldilha
ve. E indagoza valem caras
co. Isto era em spõ de peste
ve. que rendera tal comeite
co. por a rate quatro varas
ve. nunca lho dinheyro preste
de dez arrates z meo
mandey lançar seis lanções
z nam me rendeo tam soes
atres varas/co. nã no creio
ve. por vida dana de guões
todos sam ladrões aeyto
ho milhor deles mais furta
co. pois comadre nam encurta
ho fiado desse geyto
ve. por s v̄ me cõ outras dâças
que lhe falta ajuda fiado
z nã no acharey emprestado
en toda esta vezinbança
co. yfso he roubo prouado
ve. Seu achara nessa praça
se quer hũ par de novelos
co. folgara en bem de telos
pera volos dar de graça
ve. veiam v̄e aqui eliar
por hũã consa enforçada

4
ali achays emprestar
co. yfso he pera palmar
ve. comagre nã vedes nada
24/ Que tenho aq hũã vezinba
que me roye coma traça
comadre nã sey que faça
co. como se chama: v. acharinba
co. z falays me nella traça
z que peça
z que siso z que cabeça
comadre na minha rua
moza hũã espada nua
que fere del que começa
vel. Essa sera pão z mel
pera estoutra que he liam
tem linguo descorpiam
co. onde moza v. jũto a sã migel
nunca vital cõdição
co. q casamento ali eila
tam negro ião eipezinhado
ve. quanto lhe u tenho pregado
co. preguelhe la ayra maa
a de pagar seu pecado
ve. O coytao anda a pescar
posto ao perigos do mar
vestido em hũ chapeirão
z o negro escudeirão
fena: he no alguidar
z a filha da rebela
outro pote tal como ela
co. qual aque moza nadica
ve. aque sa q por justiça
savia dentender nela
Eiqui moza outra botteja
que presume de sauteyra
aroja o cu pela esteira
z vay tam seinda a igreja
co. por s eila he sua praeira
ve. eila lhe le z la hos baldos
z eila lhe mere hos caldos

z essa he seu ay jesu
chama se hũã a outra por tu
cada hũã tem seu ladroaço
todas bebẽ por hũ terraço
Zili he ho embebedar
qual de baro qual de cima
he hũã escola desgrima
comadre nã he de crer
he hũã muy grande erronia
e he hũã habuonia
alli pera hos deos so verter
se jr noite pela menbã
a outra sua jrmã
inda deos nã dana luz
lançou ho outro do capuz
co. sayo de carpear lam
z cumpre lhomẽ dizer buz

¶ Sera que sam es confuros
oibay ca comadre minha
ja por linba vem a tinba
são seus pecados escuros
vel. asi como he cousa forte
deixar daquentar olume
asi o mudar costume
he hũ parelho de morte
co. de yraia quasi perfume
vel. Crede quas vezes me vem
veas pera me enforçar
co. estara bem de vagar
quem se matar por ninguem
tudo ho tempo ha de curar
ve. comadre que vos parece
de te que quer ser meu genro
co. comadre manso z tenro
z doudo se facontece.
ve. Ham he macho nẽ capacho
nẽ he pão nẽ he formento
he panno que tẽ por cento
co. tende ma ora empacho

ele he daquese alemento
ese tal
tera mão no cassical
z faloam peneirar
vel. z andar z desandar
co. casa logo bretiz mal
vel. Entendey vos yfso bem
quem casa com tal comele
nam casa com sua pele
mas casa coquele tem
que o marido
nã no queria eu sabido
co. z poys como
vel. rico z tolo
que visse a corna co olho
z perguntasse que quilo
Ele tem
vinho z pão quãto conuẽ
z em que seja malhadeiro
bom he marido gayteiro
co. dizes comadre muy bem
vel. pois comadre que cuidays
mais val saber que auer
z o dar que receber
se nifso bem atentays
co. escolhays deos aquilo
quele vir que seu seruiço
mas comadre nã vos cobiso
tal marido nem tal grilo
mereloes num corriço
asi como meu asento
asi me deito eu estar
vel. sey que rendes damassar
co. tenho muyto do quebrãto
z muyto do mau pesar
¶ Jr noite fui ao terreiro
z trouxe trigo de bordeos
tã aluo comestes veos
z savome todo dozreiro
z vay a dõa da fornestra
a list.

lam como acostanetra
e ele quer a frol de forno
amarga como piozno
nao mo querê na ribeira ⁴⁰⁰
vel. Comadre esse trigo tal
quer se ao sol muyto secado
e se não be mesturado
peguase todo ao bragal ⁴⁰⁴
e quer q folgue da mão
hã pouco no alguidar
co. be hã bofe da maillar
vel. leua agoa / co. be perdição
leuara todo esse mar
vel. Alma tẽ sempre bõ trigo
co. quinta feyrta leuey dela
tẽ muita ouca e lingela
vel. faz bõ pã / co. eu q vos digo
faz boley mas de castela
vel. eu q são das mais pechosas ⁴¹⁵
trago sempre do que soyo
be sujozinbo tem joyo l
porẽ faz hã pã de rosas ⁴¹⁸
co. Eu tambem sam filha deua
e leuey da que se mesmo
e lauçellhe agoa acfino
mas não no achei de leua
comadre vos que mandais
que be tpo de meu mudar
vel. que vos deire deos lograr
co. e vos comadre vejays
prazeres / ve. qreys ca jãtar
co. Mã comadre eu vou cõ tẽte
do vosso contentamento
nao se faça ho casamento
sem eu ser tambẽ presente
vel. hui comadre se quer vos ⁴⁴
sem vos que prestaua eu
dovuos a sam bartolameu
nao são meu gozos tã sos
co. Mã vos espãte o gërro tofco

que be muyto bẽ asombrado ¹³
ficay em bora comadre
vel. porẽ dizey la ha meu cõpa
q vcuba a jãtar conosco (dre
q bo ey por meu cõbidado ¹⁴

Saye a comadre.

vel. bzeatiz / moça / bzeatiz
bz. sñora. v. ida ese demo nã ve
bz. inda não / ve. e como cre
questada de cbafariz
eu a meterey no seo
e vos bela mal maridada
delas mas lindas que yo vi
say ca fora say ⁴⁵¹
sey que soys dama ecarrada
nao sey que diga por ty
tu perguicosa ⁴⁵¹
dorminboca mentiroza
golosa mixiriqueyra
raparigua endicadeyra
porque não es virtuosa ⁴⁵¹
bz. Dulhas es bem vos entẽdo ⁴⁵¹
sam muyto bos molher
e maõ grado a que tũer
milho: fama / ve. deos q rẽdo
es muyto boa colher
de bõs caldos meredoyra
limpa mosca be prazer
aguçosa no comer
feitiboa que lauoyra
faras a que te tũer
Eo marido que leuar
tal joya como tu es
cumpre lbe andar dos pes ⁴⁷⁰
que tu as desperdicar
figundo es feyta ao reues
e mayr quem viuer vera
e volta que ho mundo daa

e veras se nam me cres
que o q nã se faz no mes
pelo ano se fara
quo q te teu padre deirou ⁴⁷⁰
nã no bebi na tauerna ⁴⁷⁴
cuidado toquera hãa perna
foras a molher que sou
mas inda agora es moderna
eu não sei quem sofrera
as teas cãdar recendo
bzeatiz muy bem tẽtendo
e ao diante se vera
se virtude o queu repẽdo
Que quenã cre madre velha
eu não te falo galego ⁴⁷¹
nã renganes tu contego
atenta quem taconselha
e sigue pelo meu rego ⁴⁹²
eu donto sangue do braço
e tu não mo agradeces
tanto andas tanto tece
que sey eu quito quem faço
ainda mo não mereces
bz. Casay me vos cõ algueim
e fereys o sabafada
vel. e com que dize desfaçada
olha não te quer ninguem
ques hãa desenfreada
e por esa lingua tua
ta de vir ho cas dever
nunca me quiseite crer ⁵⁰⁵
tu daras sñal na rua ⁵⁰⁶
bz. darey de boa molher
vel. Logo a virgem maria
que nam seja eu proçesia
e que saya mentiroza
bz. nam ey deffer aleiuosa
vel. peca be quem em si confia
olha ca eu te direy
todo ho viuer be fadiga ⁵¹⁴

e mais nunca ninguem diga
desta agoa nam beberey
digo tũto como amiga
Doẽ hãa pouca da gozãcers ⁵¹⁸
morna não ja muyto quente
pera fazer ho crecente
essa negra se vier
e se quiseres escaldar ⁵²²
esa carne da gamela
merea em nhãa panela
se quer faras hã jantar
fos guatos nã dam com ela
bz. A miñter quizabel mande ⁵²⁷
a panela que leuou
vel. hui agora lbe lembron
a morte de joan grande ⁵³²
e agora lbe chegou
no cozinhãr bem ralar gas ⁵⁴²
busca tu por essa casa
hãa panela de hãa aya
que pera ysto a cem cargas ⁵³⁵
Entra a negra cõ o paruo cõ
o pote quebrado e dis.
puo. Adãda me ca mmoa tia ⁵³⁶
que dise que dezia ela
ohay que ja mesqueya
sabeis vos quela dizia
dizia que diria ela
ja me lãbra ja ja ja
dise que viesse eu ca
luzia sabes a que ⁵⁴⁷
ne. boso tia não dise ⁵⁴⁴
puo. Dise qua volia caroucha
quebrou ou pote na rua
e que aconta seys. vos miñ
por amor de la maõcha ⁵⁴⁸
ne. mim não qbrãr bõsso porã ⁵⁴⁴
bessa passa não falou
puo. sym que ynhã dona mãdoi
por aqueza mesma porã

neg. Druzuga santar diabo
quo. pois dixey vos quena rem
ne. bofo nunca tende bem
quo. firerey mas vlo rabo
vel. negra no mais arauia
tu mas de leuar a coua
quebrastes mea quarta noua
quo. sabeis vos onde ela sia
ela e não no direy
vel. ande dar milha comprey
cadeira rolto de terra
que farci a que del rey
quo. sabeys vos bo que façays
vel. q ey de fazer / p. q ieu eu
vel. o estroy do yza do meu
muy fora de uos andays
ne. nam traze pore cabeça
a rua do frono pretada
beia que vem carregada
dize negra anda coapresa
mim cay todo calabrada
vel. quem me deu tal enroual
pera meu descanso todo
cadeia tu es enguodo
que nasceste em portugal
pera me pores de lodo
ou não poso cuidar al
Ja me quebraite bña talha
quatro potes bñ afado
tudo me tens ja quebrado
ja n'õ tenho nemigualba
e sofrere he meu pecado
nc. vio crupa qua mim tem
vel. cadela inda tendes lingua
quanta desculpa não mingoa
bem sey eu donde ysto vem
Tendes ja a vergonha rasa
cu te conheço raposa
leuanteuse a preguiçosa
e for por bo fogo a casa

vos soys feita de manter
benza a deos esta uegrinha
bi prepare a farinha
e deyray bo rolo na teiga
acabai cadele aynta
Elyse a negra.
bre. atiz / be / semboira / ve / v'ca
abre marca dos fançoes
e reu'ne como fozes
e pera a b'na da cadeira
mece a mão logo ali
bre. acabar nunca ytal
vel. acharas ab'ha bengal
e dayo a que se emroual
que fuma derador de sy
bre. Quereys mais
vel. e ja vos agaltays
bre. sim e tanta bre. atiz
vel. não falem a empenatiz
bre. e vos por ventura acabays
vos não sois como outra gente
nunca vos vy sem bradar
não ha saber vos ieuar
nê ab'ha quem vos contente
e disto vos podeis guabar
C'entra pero vays o pay do
no quo e diz.
po. Entraremos sem bater
vel. quem he o quasi despacha
po. ladrão que furra quantacha
vel. ysto autamos nos mister
mes furtara alguma boracha
po. logo eu esa furtaria
pore dase aquê nacaua
vel. olhay vos onde eu estaua
outre que vos conhecia

mas não vos defemençaus
lão mundo he enfadado
doulta fechar e dabrir
po. ontem quisera eu qua vir
e não pude dacupado
e venho por não mentir
vel. eu estaua pera yta
po. tomey logo adianteira
vel. asentay vos na cadeira
achegais vos pa ca Cadeira
po. b'õ esto a y. m'ã te jais d'sa ma
Elqui ho q eu digo não se faz
brado fecha mesa porta negra
po. ysto he por cõpur a regra
se queres viate em paz
ts es p'rao fecharas / e c'etra
vel. não he ysto nemigualba
sõ aqui a guantada
pero. por ysto porta fechada
yza b'õ o. no da baralha
pa pelo meo da estrada
vel. b'õ temos num mundo tal
qu'andõ s'õ de niaguem
e mais nã sey que me q'r bem
nê menos qu' me quer mal
po. os que t'õ s'õ ysto tem
nam vos acho eu n'isso tosca
mas discreta e auisada
e mais em boca fechada
ja sabeis nam entra mosca
vel. q'ois qu' p'ncira e amasa
destas confas sabe o centro
metem a cabeça dentro
por darem se do que passa
po. a malicia he seu coentro
a basta por todas as vi'as
tomais ho milhor conselho
e mais diz bñ dito veibo
fuge das mas companhias
e teras de todos espelho

Aqui tose pero vays
vel. nam vindes vos todo trigo
po. eu ando morrendo em pe
vel. ho vosso mal de q' he
po. eu não mentendo comigo
sempre estou neste marceiro
tem me ja morto esta tosse
vel. curar m'ã eu sa vos fosse
e enforcasfo dinheiro
po. ja em mim não a ter pose
ysto ma de tirar alma
e de noite mais semaguça
vel. o doutor da mula ruça
vos dara s'õ como a palma
adu ho das sete carapuças
que aqui anda baguanado
temai vos agoa do pao
po. vos n'ã poder de chucas
lararey / ve. ysto he m'ao.
Abestre anrique q' he puado
pera a que las peitogueiras
faz curas muy verdadeiras
po. sabeis qu' me tem pelado
mestre, mestras: meu pecado
boticas e crãteiras
olhay vos como s'õ rima
he muyto forte elemento
todo seu curar he vento
camesinha vem decima
vel. bem no vejo e b'õ no sento
po. he muyto forte contenda
vos ficais por deradeyro
sem saude / e sem dinheiro
e sem vida e sem fazenda
e sem alma / ve. he marceiro
po. ora b'õ dar deles querela
e b'õ com mistres guastados
p'ã me de cinco cruzados
ora b'õ saude que dela

vel. Eles não tẽ outras tenças
 sam como os precuradores
 acrecentão volas dozes
 pera em dez doutras doças
 z guayas dos pecadores
 po. outra pera que sabais
 a fora suas receitas
 me tẽ levado de peitas
 mais de dez tostões / mais
 vel. viles eu cõ mas maleitas
 Deyraos que seu officio
 pero. mas de les arencgay
 vel. falemos no que nos vay
 quillo tem ja da benicio
 pero. falastes a concrusam
 as cousas que de deos sam
 deos as ordena z aiunta
 vel. a vertude he jadedunta
 pero. nam ha reger por rezão
 Mas pois isto anda na fragoa
 venho saber deste linho
 z pois agoa não vẽ ao moíño
 q̃ va o moíño agoa
 par tudo jr por seu caminho
 vel. não hay mais que cõcertar
 vos mandastes me falar
 por nã sei quẽ / pe. he xidade
 vel. pois sabamos vossa vōdade
 vosso filho quer casar
 pe. Si cõ vossa fuba breatis
 vel. sabeis ho que a moça diz
 diz muy eu lho aconselho
 q̃ antes quer marido velho
 rico / ca moço cõ dous ceitis
 pero. pera isso eu vos direy
 eu com meu filho farey
 bõs sasenta mil reales
 paguos em cruzados taes
 afora o quelhe darey
 que he de seu officio marca

conuẽ a saber / redes / bar
 ycha sua goazeira
 pranchas / sua vela enteira
 ysto tendes como marca
 E ali mais lhe daremos
 fareyra / cordõs / z remos
 rede sauar / faralabeira
 con seu cope z maneyra
 como veram z varemõs
 ve. pois mi fuba breatis varela
 que ouuer de casar com ela
 te muyto bom casamento
 tẽ hũ oliual em sam bento
 z hũ pinal na rentela
 z vinha da foramento
 Item mais
 tres colchões seys cabeças
 z hũ muy bom cobritoz
 z outro do mesmo teor
 dous pares de castiças
 Seu estanho
 z hũ copo asi tamanho
 que tem dous marcos z meo
 cortinas com seu a reo
 tres esteiras z hũ tanho
 z tem mais por esta guisa
 hũs tres bacios de pisa
 z de fartõs duas bacias
 z seis boas almofias
 hũ gral cõ sua manlisa
 hũ emtergão
 quatro lanções de ruão
 z seis destopa curados
 cyto de linho delgados
 z o mayz que lhe darão
 z aquele que vltre z reyna
 sabe como sisto caua
 z darios cy hũa escraua
 que trabalha como zeina
 amassa / z esfregua z lava

po. E essa não se pode ver
 ve. sym jesu logo neffora
 cadela say cafora
 ne. seora nunca poder
 sa massando sacupada
 ve. cadela ja começays
 all quero que venbays
 quillo não releua nada
 ne. seora sa farimbada
 ve. Achegay vos pera ca
 ja vos receaes a carga
 ne. esse cousa santamarga
 po. z esta de qua nos sera
 ve. claveyo a meu poder
 moça de trinta z hũ ano
 não tendes comigo engasio
 po. z agora que pode auer
 ve. Não q̃tra deos q̃ vos menta
 ounea notremoz da terra
 pode agora ser essa perra
 moça dalgũs cincoenta
 salnante sa conta erra
 po. Quanto a no portugal
 ve. não he ela tão saluasem
 falay lhe vossa lingoasem
 inda quela fale mal
 po. quãto ano não tender
 ne. bosso tem grande boroso
 po. como chamar terra vosso
 ne. terra meu nunca saber
 Pera que bosso pergunta
 z se cousa nunca ouuir
 po. quãtos filbo vos parir
 ne. bosso / tres / quatro junta
 po. a bosso tem inda dente
 ve. ainda tem os quetraes
 he moça vos que lhelbays
 po. comer bem santar valente
 ve. quanta dillo não nã ay mais
 po. Não curemos de mais festa

não ay mais que falar
 ve. vay acabar damassar
 deira messa massa resta
 po. emquauemos dalentar
 ve. eu digo que são contente
 po. z eu també nisso fico
 moça fermosa z ele rico
 ve. nofio señor os acrecente
 E ele não lha dachar
 menos a principal peça
 z posto que a uão conbeça
 eu sey bem qua de folgar
 po. deiremos nos ysto agora
 ve. hi vos pelo noyuo em bora
 po. assi o quero ordenar
 ve. auéis logo de tornar
 po. si / vossa merce ve. y de e bora
 Aqui se saya pero vay.
 Breatis / sehora /
 say ca fora ose neste dia
 bre. ora exmaqut que mãdayz
 ve. não sera bem que sayaes
 desse pote daletria
 bre. não sey em que vos saluays
 não entendo vosso geito
 tendes forte condição
 vel. de prata na ho cbimfrão
 quãtagora he ho feito feito
 trazeyz grande alteração
 bre. Abuy bẽ se vea queu trago
 digao est. vizibença
 sofreruos he pestilença
 nã sois molher mas sois drago
 sois peçonba
 que noyte z dia não sonba
 senão por day messa palba
 cortardes como naualha
 ve. como se defauer gonba
 Tu rês enfinda rezão

diszes verdade assib e
mas ou vilão da lbo pee
z tomar vos ba ele a mão
se teu atinã deirasse
com tuas velbacarias
a fe que tu me serias
tam cortes que sobejasse
certo nã es tu a filha.
q̄ me erguelle donde eu cayo
z porẽ al curda el bayo
z al cuida quẽ no silba
pela alma deste meu fayo
algora te casarey
veremos como tamanbas
cumpre te mudar as manbas
z se nã eu te direy
fabe quãtisso taranbas
o filho de pero vaz.
be dourado como bo sol
rico bom omem de prol
z em quem aquisto jaz
nã no risco eu do meu rol
Bem omiste o que passamos
bre. eu bo se nã omi nada
ve. porque mentes desfaçada
nã omiste o que falamos
como es desauergonhada
bre. eu estaua lanãda a louça
z mais eu cousa que ouça
nã na me fica na memoria
z mais sera forte estoria
casar eu com joam da bouça
E ainda que le tiueffe
mas do que dizes remuito
queria saber que fruto
fara tal omem como esse
vel. nã curemos nos demais
se vos vos nã contentayes
este he outro cantar
ques tu com ele casar

bre. farey o q̄ me mandais
vel. tudo esta na tua palma
nã quero contiguo brigas
nem quero de poys q̄ digas
mao inferno me de deõ a alma
z mais contaes raparigas
bre. digo z redigo ao presente
z redigo ainda alem
que quero casar con quem
vos fordes muito contento
vel. yisso me parece bem
As moças obedientes
a sas maes z a seus pays
dalhes deos as fadas taes
como de poys vem nas gẽtes
z alem diso muito mais
tu diz: s ques aqui moura
bre. quanta uiso deos o sabe
vel. pera que sea quisto acabe
tira la essa debadozra
Corege aquelas cadeiras
despeja essa casa toda
pois tua a desfer a boda
ainda que tu nã queiras
viste aqui loutra fraldilba
z poras a beatilba
que esta dentro no escaninbo
z viste õ guonete fino
z cinge issoutra mantilba
Corege muyto bem tudo
essa negra laue os pratos
z deita fora esses gatos
nã faço algũ enruido
nas precolanas pintadas
poras as frutas das martos
z nos casatẽs hos fartes
cõ yfoutros girgiladas
Essas truitas de feira
poras por sua maneira
nos otros p̄tos mais grãdes

nas bãdejas de frandes
questão dentro na raceyza
bre. z os bolos de rodilba
z esoutras sem saborias
ve. virãola nas almofias
z se tu agora boa filha
z em mendj os orçõs dias
E aque se frito queu fiz
deyrao estar no alguidar
que nã ha qua daportar
acaba filha bre. atiz
bre. ay mais que concertar
ve. z diz aque se cadelão
que trabalhe z nã safente
z mais dizelhe que a quente
agoa pera esse leitão
que depene essas galinbas
z os paros z os coellos
a casa pareça espelhos
que nã digão as rezinbas
q̄ tenho aqui dous fideibos
Entra pero vaz z o filho z
joana vaz molher d povaz
po. As cousas bẽ cõcertadas
as pedras parecem bem
quanto mays quando emsi tẽ
ferem por deos ordenadas
pasam inda mays alem
porque este mundo coytdo
he tal por noso pecado
que quem doleme defenda
he necessãrio qua cuda
alli que vay afogado
E mundo he como cocẽira
se bem nele contempays
folgays quando vos cocays
z arduos na deradeira
tã enganados viuemos
z tã fora da estrada ymos

que sagoza o nã sentimos
la no fim o sentiremos
saqui nam nos resumimos
Trago teita concrusam
porque diz la sala nam
que quẽ nam oulba ao diante
do mal que vir nam se spante
pois tẽ juyzo z rezãõ
tu inda agora es moço
z nam lentes bo deisroço
tras to mundo enganado
nam es inda esperimentado
por tam o yugo no y escoço
z achartas saiteado
Eu z ta may te criamos
ate esta ora em p̄to
a fora bo que te nam conto
que he na vida que leuamos
que tudo tem seu desconsõ
fui sempre de ti contẽre
fostenos obediente
como filho virtuoso
agora por meu repõso
he muy bem que sacrecente
E pois da morte nã sabemos
cada hũ em si apõne
vai tudo de monte a monte
cumpre nos q̄nos velemos
porque bo mal nos nã afrõte
joana vaz anday qua
ta may tambem te dira
onde daa nossa tençam
may. auerãz nossa bençam
z deos tambem ta dara
E se sayes a naturezã
manso homem de sosgo
nos pararemos cõtego
daquẽz nossa pobreza
z te: ae em nos achega
sempre do miibo: tãca

t barnos as a nos descauso
t mais o bejerro manso
mama a sus mama t albea
E mais não pale por riso
tu es moço de bõs trinta
t comora barba pinta
logo be tempo de ter siso
noí. eu estou sob voffo poder
vos de mim podeys fazer
como for voffa vontade
po. essa be toda a verdade
noí poys cauia eu de dizer
Eu não respondo aqui mais
fenão que ambos façay
como may t como pay
t o que virdes ordenay
cõ que não vos rependays
por que diz antes que cases
olha primeiro o que fazes
não te venças por riquezas
por q as cousas q mayz pzas
as vezes não sam capazes
Porque destes casamentos
as vezes se seguem erros
t os erros são deisteros
de proprios contentamentos
assi que neste casar
sem omem se aconselhar
con deos t cõligo mesmo
se se casa asi aelmo
viue pera mayz cançar
po. Tenho bem oulbado tudo
deira tu o cargo a mym
por que tu veras no fim
te o fiz como sefudo
uoí. vos tēdes a faqua to queisso
cortai per onde quiserdes
por que tudo ho que fizerdes
outra cosa nã desejo
po. Esta molber que teu dou

be pera casar cum coñde
sfora o que mayz eiconde
de que eu bem contente sou
be virtuosa
rica / t onrrada t formosa
que de bem em milho: cayas
por queitas são as affaias
pera lbe nã pozem grossa
noí. Eu tinba no pensamento
dar primeiro búa yda fora
por que casar me agora
be catuar me ante tempo
po. nã to tolbo vay embora
noí. eu nã digo agora ysto
por nada bem tenbo visto
que me deseçays proueito
t por esse so respeito
naquelloutro nã emsisto
Abas pois vos vos cõtetais
ja vos diguo esto y cruzado
t estou aparelhado
a fazer ho que mandays
may. filho seçays bem logrado
a bẽção de ds t a minha
t a de voffos auoos
venha filho sobre vos
noí. que fazes vamos a sinha
po. nã auemos dirtão fos
Espero por joã duarte
por ca omem de dar parte
destas cousas os amigos
t mais aos que são antigos
virtuoso por sua arte
t aprende bem se viueres
traze o amigo por estojo
t sele sentir teu nojo
dalhe parte dos prazeres
Aqui entra o padrinho
pa. Ora deos vos salue caa
po. venhays eboza cõ padre

pa. t que de minha comadre
o. não na vedes / epla ad esta
vos esperais que ladre
mai. geu cuidey q não vieseis
pa deirey massi eitar é praticas
t então peloss freimaticas
en caso nunca quiselleis
Entre afonso rom: fernão
dandrade / felipe godinbo /
mancebos.
dra. Bejamos as dos señores
nam serçey eu tam bẽ socio
ja entēdo este negocio
po: som os voffos seraidores
dra. vos sois o q vos culpays
nam sa dir por esta guisa
be noyuo furtado a lisa
ysto ou como lbe chamays
pe. E gente agora be sobeja
a dir a porta da igreja
este donningo que vem
t entonces sera bem
caquella tal onrra seja
afõ. também os qua somos gētes
t onrrados quanto monta
t se bem lançarmos contra
alem damigos parentes
E pozem
aqueste descuido vem
de não sey t bem sey donde
por qua mim nam se mesco de
ho que be mal / t o que bem
god. t eu nam quero falar
nam me mandarem chamar
sendo equi tanto vizinbo
ja ys por outro caminho
nam ay que confiar
po. Tenho esta condigam
nam vos quis dar apresam

que series acupados
afõ. mas nos somos obrigados
so pela conuersaçam
adr. mas ele por nos nam deuer
virmos lbe bailar na boda
encobrio a festa toda
po. antes eu busco prazer
god. Ysto em que ponto esta
po. agora ymos pera la
afõ. ora poys sus sus partir
po. toda via qreys yr
god. pa ysto vimos nos caa
pa. vsm voffas merces diante
t o noyuo aqui roçagante
noy. nunca tays cõsertos vy
tanto monta aqui como a ly
andr. falays como emẽ galante
Nam sois noiuo çapateiro
caues dir por tras sugreiro
la detras no eu de judas
por quas peffoas sefudas
han doulbar tudo primeiro
po. ou de dentro da ponsada
vel. be de paz podeys entrar
pad. esse be muy bom falar
vel. venha eboza a gēte onrrada
ora sus sus asentat
Lada bú rom: seu asiento
nam se pege a casa toda
andr. onde a reuolta de yoda
nam sa de ter esse tento
vel. bui se qr vos joan duarte
pondes vo la na trazeira
peraqi tendes cadeira
mudaiuos de stoutra parte
Senho: afonso rom:
nem se va a eitar em pe
afõ. deiray me vos a mi eitar
po. peraqi tendes lugar
afon. este ja voffa merce

vel. aqui vos asentareys // 177
a seño: fernão d'andrade
andr. estou a minha vôtade
ve. acabou. an. ho não canseis
vel. Algasalbar todos per bi // 181
porque não tenho aqui
mais assentos ao presente
cuidei quera menos gente // 184
pad. estamos mui bem asi
ve. perdoay que logo venho
dou ca dentro búa cbegada // 186
z trarei a desposada // 188
po. vindelogo
ve. logo nada me detenho // 190
pa. caiar filha lbe grato: méto
de 5 mil fazendas consume // 192
and. tenseja tanto en costume // 193
q ba sentir se agora be vento // 194
po. cada dia sacontece
z isto a todos empece
andesta cousa tão rafa // 196
que quem faz casa deffaz casa // 198
porquẽ lbo não aguarda // 200
oni. y llo se dira por mim // 201
o comisto estava certo
afon. y llo be aquẽ ada mais pto.
la tiramos a otro fim.
mais sotil z mais secreto // 205
ve. luzia ouues cadela // 206
ne. seozave. trazeca ese gonetes
z trazeime os alfenetes
que yr noyte pus na chumela // 209
dulba ca/ abre essa cara // 210
z tira me a minha faya // 211
que esta no fundo de tudo.
z a faya do cos de veludo.
que tem alforza mais baya // 214
z trazemo meu cordão // 215
em questa atado o meu boso // 216

z isso que troure afdmfo // 217
tira passo z tem bom não // 218
E dentro na cõdesinha // 219
achar as búa rodelinha // 220
q be de pano dalmadraque
tem bú pouco de storaque
trazeo ca z vem azinha
ne. nunca achar se búa não
arca tozo rebolbido
faya santar se condido
ou leba ele ladrão
toro casa a mim cata // 229
jesu jesu/ esse diabo leuar // 230
ve. cadela seu a vos vou // 231
queréis oje vir dela // 232
ne. fradia o gonete a mantia // 233
turo turo sa furtado
jesu jesu bulo sa guardado
jesu jesu brigua maria
Elio chane desse porta
jesu ese casa não tem gente
aque se vey a samente // 239
ese candeas sa morta // 240
ele chama tozo dia // 241
cadela nunca luzia // 242
cadela como te oyo // 243
cadela de yrate moyo // 244
vel. tendes grande fantasia // 245
ne. Dize verdade ese tem
brada brada boso bem
nunca boso mim tende
pro que boso nam more // 244
mim dara boso bintem // 250
ve. tudo nesta negra fume // 251
olhade aquele focinbo // 252
tomay cadela bú testinbo
z ponde aqui bú presume
Anda por abi diante
tira por aque se manto
acaba acaba quebrante // 257

se leda tem bom sembrante // 258
ze. jaqui sois não bradeis tão
el. corege esa beartilha // 260
z tira esas creunchas fora
ora sus andar em bora
ergue maio essa fraldilha
hui oulba vos como meu bla
sem veo z sem emteruia // 265
achauame tão pejada // 266
o. y llo não releua nada // 267
el. que dirão que são sandia // 268
negra antes que mesqueça // 269
a minha beartilha poina // 270
z da me qua essa peloina // 271
que tarima essa cabeça // 272
ze. Al fruita quem na de dar // 273
e mais empecy lbo acharemos // 274
o. mas oje não acabaremos
dala a quem se acrtar
ora sus comadre andemos
ve. asy como m cheguares // 275
faras a todos medida // 276
ficaras muyto segura // 280
fesuda sem te mudares // 281
Perdoai que ja tardava // 282
o. y llo não releua nada // 283
pa. não tarda que a recada // 284
o. por em alguẽ se em fadaua // 285
dra. o noyuo se sacontece // 286
q be mal cas vezes acude // 287
a. tal seja minha saude
qual ma noyua a mim parece
o. pos lbe deos sua vertude // 288
e. Não correis d duas gumes // 289
fique y llo pera outro dia
porque esta na companhia
que vos pidira seumes
oi. y llo quer ser zombaria
e. nã curem dese estender // 291
nem aja ass complimentos

fação seos prometimentos
que ba muito que fazer
pa. Salats como que no sente // 300
dizei filha soys contente
de casar dizei si ou não
bre. si sou/ pa. ora daica a mão
z dizei presente esta gente
z vos tãbem não vos vades // 305
decrarades vos conuen
soys cõrete/ no. si/ pa. esta bẽ
y guays estais nas vontades
Day ca as mãos z dizei ass // 309
digo eu beatriz varela
que por meu marido z amigo
recebo a vos/ ioam corigo // 312
tomay agora a mão dela // 313
z dizei como eu dizer // 314
digo eu lourenço coriguo
que com vontade singela // 316
recebo a vos beatriz varela
por molher // 318
co. q fazeis deitalho trigo // 319
quis deos q folles casados // 320
pera que sam mais tropaças
alçay as mãos day lbe graças
filbos seçays bẽ logrados
ela moça/ z ele moço
bem se forã ajuntar
por vos se pode cantar
deitem o noyuo no poço
se com a noyua não brincar // 328
Entra grimanca
gri. Banda aqui minha señoza // 329
que perdoc por agora // 330
z que sayba q be sua toda
z que pera ajuda da boda
manda isto/ ve. venba e bora
gri. z que lbe roga que ponba // 334

a noçua muito de festa
 ve. guarday leuareis a cesta
 dizelbe q ja exergonba
 de tanta merce comelta
 gri. Mandamais vossa merce
 vel. asentay vos filba aby
 z como acabarmos aqui
 lenaribe bey não sei que
 z may querro queste jays
 porque eu sey queu os carato
 gri. eu bo se nunca cantei
 vel. não ja a mim q bẽ no sey
 pa. não ha qui que fazer mais
 ve. Não se bula aqui ninguem
 não be festa sem comer
 z o bo comer be o prazer
 z o prazero aquisto ve m
 comadre so er gucy vos vos
 z leuantade eles doairos
 adra. se formos la necessairos
 tambem ferusreinos nos
 vel. mana como lã coçairos

Aqui trazẽ as comadres
 aconsoada. s. a velha z a co-
 madre z a may do noiuo / z
 negra / z po vaz lãça o visio.

vel. Ora sus de mano en mano
 lançai mão z beberẽs
 a fon. vos as pedras forcareis
 mai. pois que vẽ de ano em ano
 vingayuos / pe. muy bẽ dizes
 co comedora acaba domem
 comede não ajays empacho
 pa. achastes vos bo mochacho
 que sepeja muyto onde come

co. sempre vos eu assi z cho
 vel. Vos po vaz ao padrinho
 z o senhor felipe godinho
 q faze ys fernão dandrade
 chegade se quer chegade
 po. peça que quiser bo vinho
 mai. z vos a fonso tome
 lançade a mão ou bope
 a fon. nisso são eu bem galante
 vel. a raça ande por diante
 godi. bebamos poys quassi be
 vel. Entrementes que duramos
 que folguemos q comamos
 com fazer por em vertude
 por ca virtude acude
 a saluação que speramos
 olha não se quebre nada
 leua la dentro cada la
 a festa a de ser refestela
 pa. vos salays como auisada
 co. Cantayuos de terreiro
 tres por tres de cada parte
 po. ordenay vos por vossa arte
 queu quero ser bo primeiro
 vel. eu z a fonso tome
 z grimanesa / yz guete em pe
 vos outros la concertade
 ho noiuo z fernão dandrade
 z godinho / go. serey bofe
 vel. ora po ys sus começade

Cantão de terreiro qual quisẽ
 rẽ tres por tres.

Am.



13

Anto terceiro. Per. Antonio Ribeiro chlado.

A Prática dos compa-
 dres. s. Fernam Dorta / Brasia machada / Fla-
 bel / Vasco Lourenço / o Compadre / Siluel
 tra / Moço / Amorado / a comadre / canaley-
 ro / Esteuam. **C** Com Privilégio Real.